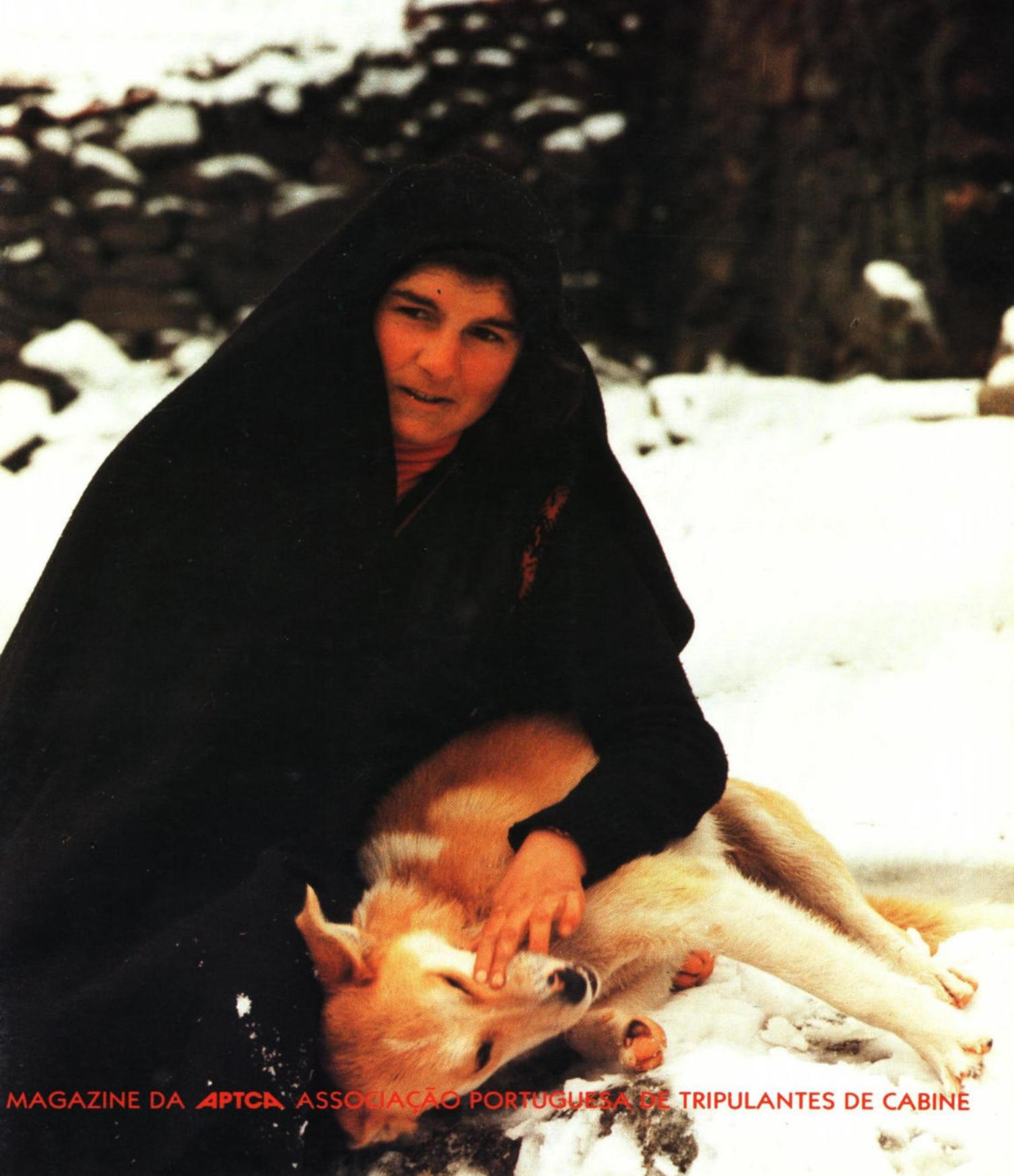


aerius

número
number 11



MAGAZINE DA APTCA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE TRIPULANTES DE CABINE

gan

Seguros

**Seguros na gan
descolamos com
outro espírito**





aerius é o magazine
da APTCA.
Comissários
e Assistentes de Bordo
conceberam-na.
Esperamos que seja
do seu agrado.

aerius is the Magazine
of the Portuguese Cabin
Crew Association.
Flight attendants
have made it.
We hope you enjoy
reading it.





ESCRITÓRIOS EM TODO O PAÍS



ALIANÇA SEGURADORA



aerius

número 11
number 11

DEZEMBRO 1987

proprietário/publisher
APCA - Associação Portuguesa de Tripulantes de Cabine

director
Isabel Santos Dente

editor/magazine editor
C. Manuel

tradutores/translators
Ana Ashwood Madeira

colaboradores/contributors
Ana Rosa
Artur Gil

Domingos Morão
Ernesto de Sousa
Eduardo Gageiro
Fernando Potier
Fernando Lameiras
Jorge Fazenda
José Borges
J. Gonçalves
João Camarinha Mora
João Santos
Maria Irene Silva
Paulo Corujo
Serafim Ferreira

secretariado/secretariate
Carlos Ferreira
Vera Calheiros

foto da capa/cover photography
Eduardo Gageiro

tiragem/print run
15.000

designer/art editor
Produções Parágrafo - Lisboa

impressão/printing
Litografia Antunes - Rio Maior

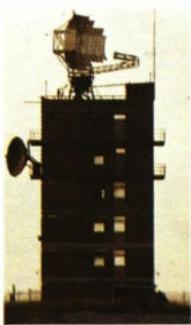
publicidade/advertising
informações/information
Rua Aquiles Machado, 3 G
Telefone 809280
1900 Lisboa - Portugal



A milenária arte de tecer perde-se na noite dos tempos.

The origins of the millenary art of weaving are lost in the darkness of time.

PAG. 4



Em meados de Novembro de 1986, Portugal deu um passo de gigante ao colocar-se na vanguarda da mais avançada tecnologia do sector da navegação aérea.

In the middle of November 1986 Portugal took a gigantic step forward to the forefront of the most advanced technology of the air traffic sector.

PAG. 14



Quentinhos, estaladiços, com o perfume de canela a subir pelas narinas e a acariciar a pituitária.

Hot and crispy with the scent of cinnamon pervading the nasal orifices and caressing the pituitary body.

PAG. 19



Foi durante o século XVIII que houve em Portugal uma verdadeira explosão quanto à feitura de presépios.

During the XVIIIth century there was a creative explosion of nativity scenes.

PAG. 25



Situada na bela província do Ribatejo, repousando nos braços dos rios Tejo e Almonda, a Golegã tem a sua origem no século XII.

Situated in the beautiful province of Ribatejo, resting in the arms of the rivers Tagus and Almonda, Golegã has its origins in the XIth-century.

PAG. 50

sumário contents

1 — Boas Vindas/Welcome

3 — Sumário/Contents

4 — O tecelão de Cetos
The weaver of Cetos

9 — No 5.º Centenário da passagem do Cabo da Boa Esperança
On the 500th anniversary of the rounding of the Cape of Good Hope.

14 — As novas condições de controlo de tráfego aéreo oferecidas por Portugal.
New air traffic control facilities offered by Portugal.

19 — Os 150 anos dos pastéis de Belém
150 years of Belém tarts.

25 — Presépios Portugueses do século XVIII
Portuguese Nativity scenes in the XVIIIth century.

32 — Humor/Humour

34 — Portugal revisitado
Portugal revisited

40 — Halley e o seu cometa
Halley and his comet

43 — António Gedeão

48 — Eduardo Gageiro

50 — Golegã, a tradição e a história
Golegã, tradition and history

56 — Pousadas de Portugal
Portugal Inns

aerius

VIAJA A BORDO DOS AVIÕES DA
FLIES ON BOARD OF

TAP AIR PORTUGAL



O TECELÃO DE CETOS

Um artigo de JORGE FAZENDA

A milenária arte de tecer perde-se na noite dos tempos, sendo atribuído aos chineses a invenção dos teares de pedais que movimentam as barras de liços.

Esta arte — porque de uma arte se trata — sofreu um rude golpe com a revolução industrial, através de processos de mecanização que foram introduzidos nos teares, até se tornarem as máquinas de precisão usadas na tecelagem industrial actualmente.

Nem todos porém seguiram o caminho das fábricas, da linha de montagem e do relógio de ponto. Preferindo a liberdade de criar e o instinto natural de preservar a arte na sua forma original, alguns desses homens e mulheres são hoje uma fonte inegotável de conhecimento de hábitos e tradições ancestrais, que nos ajudam a compreender melhor quem somos, de onde viemos.

É um desses homens que fomos conhecer numa pequena aldeia do concelho de Castro Daire, situada em pleno coração da Serra de Montemuro.

Na encosta ingreme, onde o granito dita leis, Cetos descobre-se por acaso. A rudeza do clima, os difíceis meios de comunicação e uma agricultura pobre foram as causas para uma emigração da quase totalidade das suas gentes.

O tecelão ficou.

Albertino Adriano Duarte, 65 anos de idade, dos quais, 41 passados a tecer.

AAD — E não só, porque um homem aqui tem de deitar mão a tudo para "fazer frente à vida". Umas vacas para engordar e vender, amanhã-se um pouco de milho p'ró pão e tenho umas videiras que dão um vinho que é a alegria dum homem. Venha daí provar uma pinga! Ó Maria Inácia (a mulher) arranja aí um pouco de broa para este senhor e corta uma fatia de presunto!

AER — Já lá vamos, Sr. Albertino. Creio saber que você não é desta região, mas sim da Covilhã, onde a tecelagem era modo de vida — e ainda hoje o é — para muito boa gente. Nessa altura as pessoas procuravam nas cidades um certo conforto e segurança, enquanto você fez exactamente o contrário. Porquê?

AAD — O homem põe e Deus dispõe. Eu era do Paul — Covilhã, como o senhor disse, mas a "tropa" fí-la em Castro Daire, como carteiro. Um dia vim entregar umas cartas aos meus colegas que estavam aqui em Cetos a servir nos Cartográficos e conheci aqui, aquela que é hoje minha mulher. Gostei mais disto, ela também estava muito agarrada à família e pronto. Por aqui fiquei.

AER — E o tear? Como "nasceu" esta peça que segundo o Sr. Albertino é única?

AAD — Este tear foi construído aqui dentro, a estrutura é em madeira e é todo manual, pois naquele tempo não havia aqui electricidade. Foi construído por mim e é diferente dos outros porque é um tear de um só pano, ou seja as mantas de dois metros de largura são feitas de uma só vez, enquanto as outras que por ai se fazem são cosidas ao meio. Este tear tem 125 linhóis (fiadas que compõem a teia) e cada linhol tem 25 fios.

Interrompo o Sr. Albertino a cada momento, e ele explica-me tudo sempre com um sorriso: — ali naquela urdideira que eu fiz também, coloco as teias de 150 metros de comprimento e dois de largura, depois vem a seleção dos linhóis onde vai entrancar a lançadeira...! — Enfim um ritual cheio de carinho, uma repetição de gestos perpetuados através dos tempos, engenho e arte de mãos dadas com a sobrevivência.

► AER — Como comercializa os seus trabalhos? Cetos está fora da estrada principal e será um pouco difícil às pessoas “adivinharem” um tecelão “perdido” no meio da serra.

AAD — Olhe, acredite ou não, existem pessoas que sabem que em Cetos existe um tecelão. Tenho clientes desde o Algarve ao Minho. Já estive na feira de Vila Nova de Cerveira e vou semanalmente à feira de Castro Daire, quando tenho trabalhos (mantas) p'ra vender. As pessoas dão-me farrapos de linho em novelos e eu meto-os aqui na caneleira; uma vez as canelas cheias, enfiro a lançadeira e segundo a minha imaginação desenho as mantas.

Enquanto nos encaminhamos para a adega contígua à oficina, lançamos outra pergunta:

AER — Ganha-se bem a tecer mantas?

AAD — Ganha-se o suficiente para uma pessoa não morrer de fome, e como lhe disse, o amanho do campo também ajuda. Quando estou atrasado com alguma encomenda chego a passar dezasseis horas seguidas ao tear, o que é um bocado puxado.

Oferece-me um copo de vinho bem tirado do pipo e vai continuando:

— Tanto tempo ao tear já me provoca dores nas pernas por causa dos pedais mas enquanto puder continuarei. Eu gosto disto.

AER — E os filhos não se interessam por isto, não é verdade? Quem vai continuar o seu trabalho?

AAD — Ninguém, e tenho pena. Quando eu morrer o tear morre comigo. Tenho pena mas o que se há-de fazer?

AER — Sr. Albertino, conte-nos uma história que a sua já longa vida como tecelão tenha registado?

AAD — Isto aqui é tão pacato, há pouca coisa que mereça ser contada, mas um episódio engraçado aconteceu quando uma senhora alemã por aqui passou e gostou muito das minhas mantas. Gostou tanto que quando a minha mulher lhe foi mostrar a casa e os quartos ela quis ficar com as mantas... que cobriam as nossas camas.

Estava na altura de regressar. Troco a promessa de um dia voltar a Cetos, por um sorriso de esperança.

AAD — Venha quando quiser, e se perguntar no povoado se o tecelão ainda é vivo, desça até cá para bebermos um copo juntos, senão não venha e fique com a recordação.

É esta a filosofia de quem sabe que a vida é uma passagem efémera e as coisas materiais pequenos nada que nos acompanham algum tempo até as cedermos a outros... obrigatoriamente; mas a arte, essa perdura intocável, assinada, exclusiva.

A chuva cai fria e fustiga-me o ros-



Tear de 125 linhóis
The loom

to na difícil subida da serra. Torrentes de água e lama pelas valetas num murmúrio de despedida enquanto lá no fundo ouço a música cadenciada da lançadeira no seu infatigável vai-vem.

Quando no alto da serra olho extasiado o vale imenso, apenas o silêncio respondeu, como se eu tivesse saído da máquina do tempo.

E daí, talvez. □

THE WEAVER OF CETOS

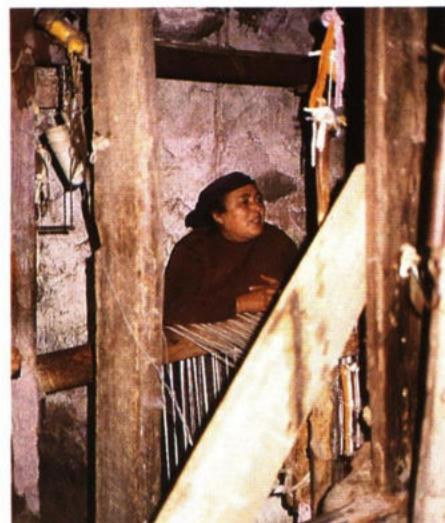
By: JORGE FAZENDA

The origins of the millenary art of weaving are lost in the darkness of time, the invention of looms worked by pedals, which move the bars of the warp, being attributed to the Chinese.

The art — for it is indeed an art — suffered a considerable setback with the industrial revolution. Mechanised processes were gradually introduced until the looms became the precision machines used today in industrial weaving.

However, not everybody went the way of the factories with their assembly lines and time clocks. Preferring liberty to create, and following their natural instinct to preserve the art in its original form, some of those men and women are today an inexhaustible source of knowledge regarding ancestral habits and traditions, which help us to understand who we are and where we came from.

We met one of these men in a small village in the District of Castro Daire, in the heart of the Montemuro Mountain.



Maria Inácia — a companheira
Maria Inácia — the wife

order to live. I fatten up a few cows to sell, cultivate a little maize for bread and I've got some vines that produce a wine to make a man happy. Come and taste a drop! Maria Inácia (his wife), bring some corn bread for this gentleman and cut a slice of smoked ham!"

AER — "We'll be there in a minute Mr. Albertino. I believe I heard say you are not from this region but come from Covilhã, where weaving was a way of life — and still is — for many good people. At that time many people were seeking a certain amount of comfort and security in the cities, while you did exactly the opposite. Why?"

AAD — "Man proposes, God disposes. I came from Paul — Covilhã as you said, but I did my National Service in Castro Daire, as a postman. One day I came to deliver some letters to my colleagues here in Cetos in the Cartographic Services and met the girl who is now my wife. I preferred it here and she too was very attached to the family, and that was it. I stayed here."

AER — "And the loom? How did this piece, which you say is unique, originate?"

AAD — "This loom was built in here. The structure is of wood and it is completely manual, for in those days there was no electricity. It was constructed by me and is different to other looms because it can weave a blanket, two metres wide, all in one piece, while the others made around here are sewn up the middle. This loom has 125 "linhões" (rows which form the woof) and each row has 25 threads."

I constantly interrupt Mr. Albertino and he explains it all with a smile: "I put the woofs, 150 metres long and 2 metres wide, in that warp frame which I also made myself. Then comes the selection of the rows where ▶



Engenho e arte bem patentes nesta caneleira
Another view of the loom

We discovered Cetos by chance, on a steep slope where granite is master. The harsh climate, difficult communications and a poor agriculture caused almost all the population to emigrate.

The weaver stayed behind.

Albertino Adriano Duarte, 65 years of age, of which 41 have been spent at the loom.

AAD — "Not only weaving. A man here has to do a bit of everything in



Cetos, uma descoberta por acaso
Cetos, a discovery by chance

► *the shuttle will interweave...!*" A careful ritual, a repetition of gestures perpetuated over the ages, ingenuity and art hand in hand with survival.

AER — "How do you commercialise your work? Cetos is off the main road and it would be difficult for people to "guess" there is a weaver "lost in the midst of the hills!"

AAD — "Believe it or not, there are people who know there is a weaver in Cetos. I have clients from the Algarve to Minho. I've visited the fair at Vila Nova de Cerveira and every week I go to the Castro Daire fair when I have work (blankets) to sell. People give me balls of linen shreds and I put them here in the winding frame: as soon as the spindles are full

I thread the shuttle and design the blankets from my imagination."

As we walked to the wine cellar next to the workshop we asked another question:

AER — "Do you earn a lot weaving blankets?"

AAD — "You earn enough not to starve and, as I said, cultivating the land also helps. When I'm late with an order I sometimes spend sixteen hours on end at the loom, which is a bit tiring."

He offers me a glass of wine from the barrel and continues:

— "Spending so much time at the loom gives me pains in the legs because of the pedals, but I'll continue as long as I can. I like the work."

AER — "I understand your children are not interested in weaving? Who will continue your work?"

AAD — "No-one, and I'm sorry. When I die the loom dies with me. It's a pity but what can I do?"

AER — "Mr. Albertino, tell us a story from your long life as a weaver".

AAD — "It's so quiet here, there's so little worth telling. But there was a curious episode with a German lady who came here and liked my blankets very much. She liked them so much that when my wife showed her the house and the bedrooms she wanted the blankets — that were on our beds."

It was time to return. I exchange a promise to visit Cetos again one day for a smile of hope.

AAD — "Come when you like, and if you ask in the village if the weaver is still alive come down here and we'll have a drink together. If not, don't come and keep the memory".

This is the philosophy of one who knows that life is an ephemeral passage and material things small nothings that accompany us for a while until we leave them to others...; but not art, that survives, untouchable, signed, exclusive.

The cold rain beats in my face on the difficult climb up the hill. The ditches run with torrents of water and mud which murmur a farewell, while from below I hear the rhythmic music of the shuttle in its ceaseless toing and froing.

I gaze ecstatic at the immense valley and am greeted with silence, as if I had emerged from the machinery of time.

Perhaps I had. □



Quando no alto da serra olho extasiado o vale imenso, apenas o silêncio respondeu, como se eu tivesse saído da máquina do tempo.
I gaze ecstatic at the immense valley and am greeted with silence, as if I had emerged from the machinery of time.

Uma cidade maravilhosa dentro do Rio de Janeiro.



Hotel Inter-Continental Rio *****

Dia e noite uma cidade cheia de emoções fortes.

A presença de grandes personalidades. Entra-e-sai de astros e artistas. Um centro de decisões pulsante e avançado.

O mais puro clima de sofisticação. A vida se desdobrando em múltiplas formas de lazer e esportes.

Brilho constante de cinco estrelas sobre a capital do sucesso. Qual é o seu propósito?

Av. Prefeito Mendes de Morais, 222 - São Conrado - Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Tel.: (021) 322-2200 São Paulo: Av. Ipiranga, 318 - bl. A - s/1202 - Tel.: (011) 258-8599 - Toll free: (011) 800-8001



NO 5.º CENTENÁRIO DA PASSAGEM DO CABO DA BOA ESPERANÇA

Texto: COMANDANTE PAULO CORUJO

Fotos: JOSÉ BORGES

A obra de expansão ultramarina iniciada em 1416 pelo Infante D. Henrique, o Navegador, foi prosseguida com entusiasmo e vigor por D. João II, numa busca sistemática da Grande Passagem do Sueste para a Índia, que Diogo Cão inicialmente julgara possível penetrando o grande rio Zaire.

Após essa tentativa frustrada, envia o rei D. João II a Bartolomeu Dias a descobrir para além do último padrão fixado por Diogo Cão em Cabo da Cruz (Cape Cross de hoje).

Em princípios de Agosto de 1487 faz-se de vela a flotilha de Dias, constituída pela caravela-capitânea "S. Cristóvão", em que Bartolomeu Dias era assistido por Pero de Alenquer e pela caravela "S. Pantalião", comandada por João Infante, tendo como piloto Álvaro Martins. Completava a flotilha uma naveta de abastecimento, comandada por Pedro Dias, seu ir-

mão, tendo João Santiago por piloto.

Em 8 de Dezembro entrou a flotilha no golfo de Santa Maria da Conceição (Conception Bay); em 23 reconheceu o golfo de Santa Vitória (Hottentot Bay); em 31 passa a Terra de S. Silvestre e em 6 de Janeiro de 1488, dia de Reis, entra então numa enseada a que chama



Angra das Voltas ou Reviravoltas (Luderitz Bay), em virtude de os navios girarem em volta devido ao mau tempo que suportaram por cinco dias.

Deixando para trás a naveta com as provisões para o regresso, as duas caravelas levantam ferro, rumando a sudoeste com ventos tempestuosos pela popa, com pa-
no reduzido e depois mesmo em ▶

árvore seca, afastando-se da costa durante treze dias, em que muitos julgaram chegada a sua última hora.

Amainada a tempestade e soprando agora o vento de oeste, Dias busca a terra a leste, imaginando a costa a correr a sul. Não a achando ao fim de alguns dias de navegação, rumia então a norte, atingindo em 3 de Fevereiro a Foz do Rio das Vacas (Goritz River), junto da Baía de S. Brás (Mossel Bay), onde desembarca e tenta entrar à fala com alguns pastores de vacas, "negros como os da Guiné", que fugiram assustados para o interior.

Continuou a navegar para leste vendo a terra agora a norte, donde concluiu logicamente que tinha contornado sem a ver a extremidade sul de África, a almejada passagem de sueste. Medindo a latitude pela altura do sol ao meio dia, verificou que estava a 35° a sul do Equador.

Prosseguindo a navegação ao longo da costa, agora para nordeste, Bartolomeu Dias nota a posição do Cabo Talhado (Cape Seal), do Golfo dos Pastores (St. Francis Bay), do Cabo Arrecife (Cape Recife — Port Elisabeth), Angra da Roca (Algoa Bay), ilhéu de Santa Cruz (Croix Islands), onde fixa padrão, e ilhéus Chãos (Birds Islands).

A alegria de Bartolomeu Dias era grande por antever a chegada ao destino, a almejada Índia, mas as tripulações não o acompanhavam no seu entusiasmo, antes pelo contrário, não escondiam o seu cansaço e a sua inquietação com o regresso, lamentando-se com os poucos víveres que restavam, tendo ficado muito longe para trás a naveta com as provisões e mostrando-se apavorados pelos mares tormentosos que teriam que afrontar. Diplomaticamente, para não desgostarem o seu capitão, argumentavam que a sua missão, a qual era franquear a ponta sul de África, estava executada, embora sem terem visto o Tormentoso Cabo e que era preciso levar ao rei o mais depressa possível a grande nova.

Relutante, Bartolomeu Dias inclina-se, para evitar possível motim que viesse enlutar o seu feito. Aliás as instruções régias ordenavam-lhe que em caso de emergência grave ouvisse o parecer da oficialidade e seguisse o voto da maioria.

Assim, manda sair em terra os capitães, oficiais e alguns marinheiros experientes, ouve as suas razões "que convinha voltar atrás".

Concorda no regresso, com a condição de se lavrar auto que todos assinariam e em que os homens "se deixariam ainda navegar dois ou três dias ao longo desta nova costa", esperando talvez acharamento que os entusiasmasse a prosseguir.

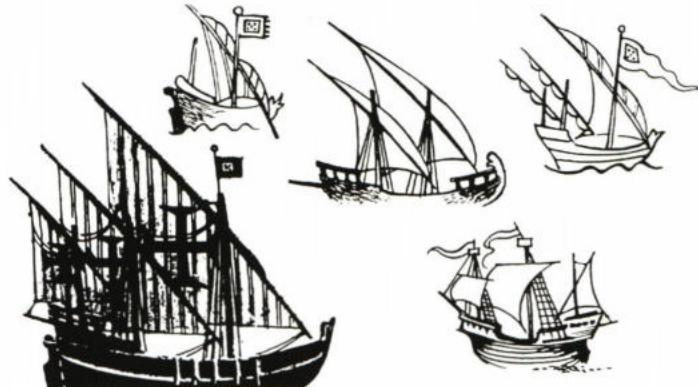
Passa de novo à vista do padrão que fixara no ilhéu de Santa Cruz, com a dor na alma por ter chegado sómente ali, não lhe tendo Deus permitido alcançar a meta principal.

Viu depois aparecer diante de seus olhos o majestoso Cabo, que o mau tempo não lhe permitira ver na ida. Aí fixa padrão, dando-lhe o nome de Cabo das Tormentas. O mar novamente ameaçava tormenta e ele apressa-se a fugir a ela para ir ao encontro da naveta com provisões deixadas em Angra

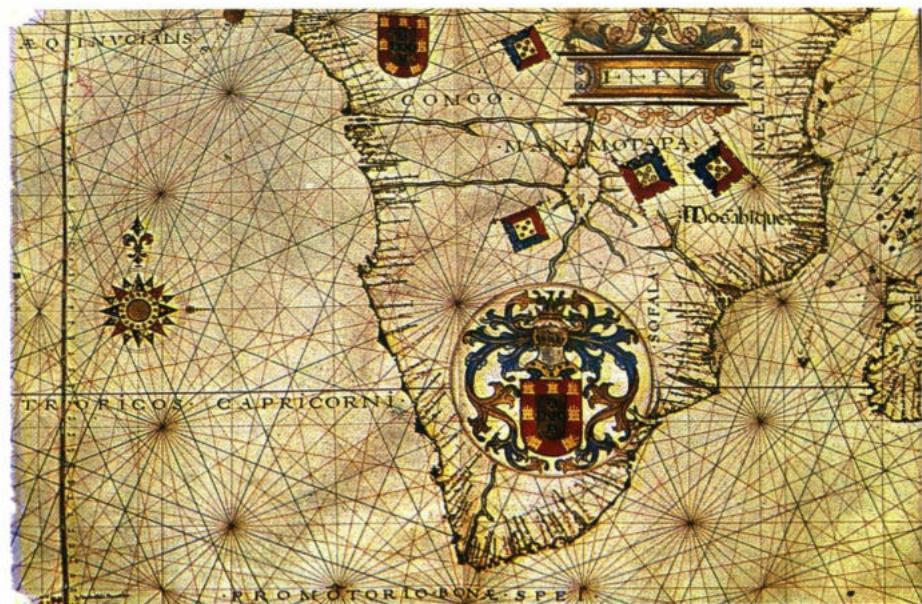
das Voltas meses antes. Dos nove homens da tripulação apenas restavam três. Um, tão fraco, que morreu com a alegria do reencontro.

Continua a viagem de regresso ao reino, onde chega em Dezembro de 1488.

A viagem de Bartolomeu Dias constituía o penúltimo elo da cadeia das explorações, que culminaram com a chegada à Índia de Vasco da Gama dez anos depois, exemplo admirável de empresa colectiva e sistemática durante décadas, encabeçada pelo Príncipe e sustentada por todo um Povo de um escasso milhão de almas. Ela teve a maior importância para a Europa e para a Humanidade, abrindo uma linha de comércio indispensável ao Mundo Moderno. □



A caravel nos mapas de Juan de la Cosa. A pequena caravela portuguesa dos descobrimentos, com aparelho exclusivamente latino, tinha notáveis méritos para a navegação de reconhecimento. Fácil de bolina, cingia-se ao vento de 55 a 65 graus, o que não sucedia com navios de pano redondo.
The caravel in Juan de la Cosa's maps. The small Portuguese caravel of the discoveries, with exclusively lateen sails, had considerable advantages for reconnaissance sailing. Easily sailed against the wind it plied from 55° to 65° which was impossible with square-rigged vessels.



Atlas de Fernão Vaz Dourado. C. 1576 representação da África Austral.
Map by Fernão Vaz Dourado. C. 1576 representation of Austral Africa.

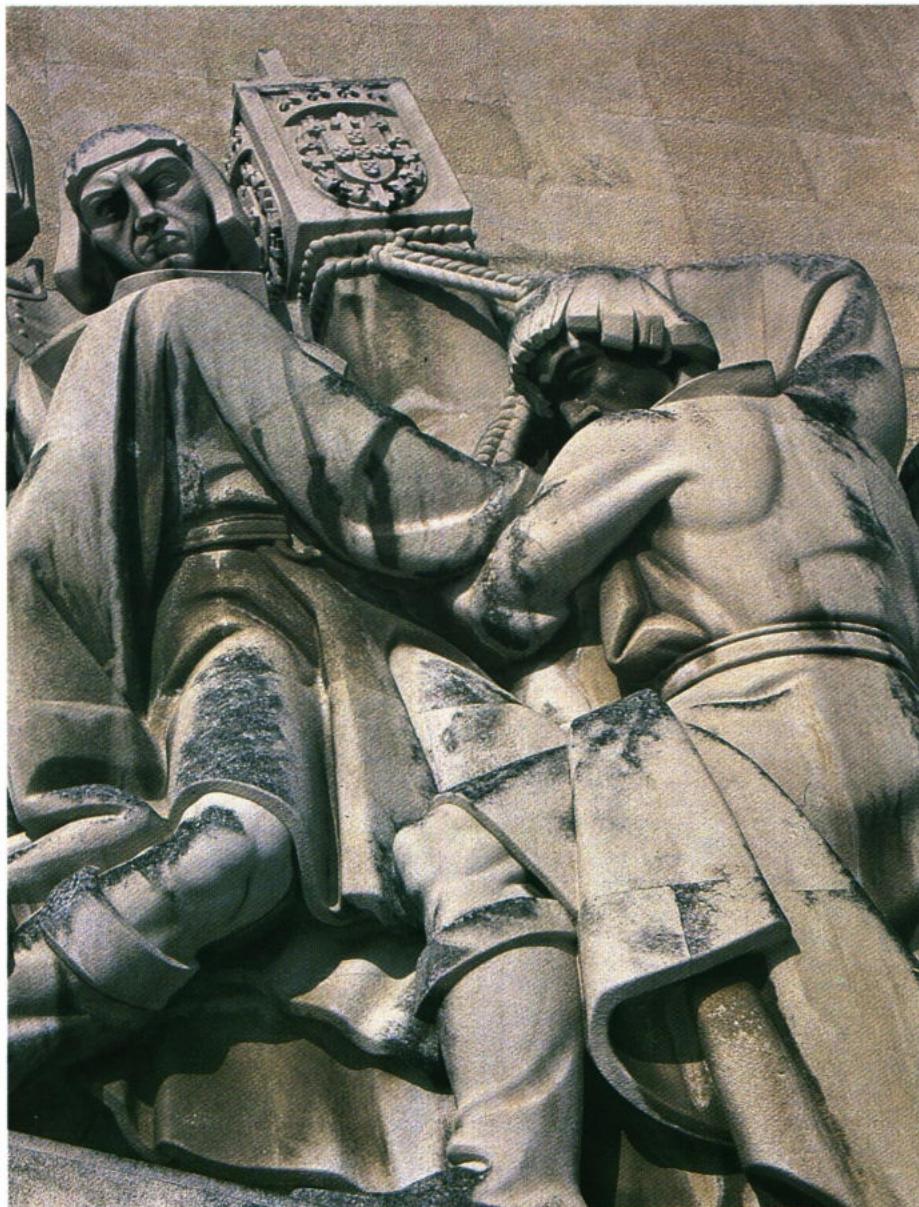
ON THE 500th ANNIVERSARY OF THE ROUNDING OF THE CAPE OF GOOD HOPE

By: CAPT. PAULO CORUJO

Photos: JOSÉ BORGES

The overseas expansion, begun in 1416 by Infante D. Henrique, the Navigator, and was continued enthusiastically by D. João II with a systematic search for the south-eastern passage to India, which Diogo Cão had initially thought was to be found up the great river Zaire.

After this frustrated attempt, D. João II sent Bartholomew Dias to discover what lay beyond the last monument set up by Diogo Cão on Cape Cross.



Pormenor do Padrão das Descobertas em Lisboa.
Detail of the Monument of the Discoveries, Lisbon.



Dias' fleet set sail at the beginning of August 1487 and consisted of the flagship-caravel "S. Cristóvão", on which Bartholomew Dias was assisted by Pero de Alenquer, and the caravel "S. Pantalião", captained by João Infante and piloted by Álvaro Martins. A small supply vessel completed the fleet, under the command of Pedro Dias, Bartholomew's brother, with João Santiago as pilot.

On 8th December the fleet entered the bay of Santa Maria da Conceição (Conception Bay); on the 23rd Santa Vitória Bay (Hottentot Bay) was reconnoitred; on the 31st S. Silvestre was passed and on the 6th January 1488, the Feast of the Epiphany, they discovered Serra dos Reis (Kings' Mountain). They then entered a small bay which was named Angra das Voltas or Reviravoltas (Rotation Bay, now Luderitz Bay) by virtue of the bad weather which made the ships swing round and round for five days.

Leaving behind the supply ship for the return journey his caravels hoist anchor and sailed south-west with tempestuous winds astern, with easy sail first and later on under bare poles.

They stood off the coast for 13 days during which many of them thought their last hour had come.

When the storm died down, the wind now blowing from the west, Dias sought land to the east, imagining the coast to run south. Not finding it after several days sail he set course to the north and on 3rd ►

► February reached the mouth of the Rio das Vacas (Goritz River), near the Bay of S. Brás (Mossel Bay), where he disembarked and tried to communicate with some cowherds, "as black as those of Guinea", who fled inland, terrified.

He continued sailing east with the land now to the north, from which he logically concluded that he had rounded, without seeing it, the southern tip of Africa, the long-desired south-east passage. Measuring the latitude by the height of the sun at midday, he verified that he was 35° south of the Equator.

Continuing along the coast, now north by north-east, Bartholomew Dias noted the position of Cape Talhado (Cape Seal), Herders Bay (St. Francis Bay), Cape Arrecife (Cape Recife — Port Elisabeth), Angra da Roca (Algoa Bay), Ilhéu de Santa Cruz (Croix Islands), where he set up a stone monument, and Ilhéus Chãos (Birds Islands).

Bartholomew Dias was overjoyed at the thought of reaching his destination, the long-desired India, but his crews did not share his enthusiasm: on the contrary they made no effort to hide their fatigue and their concern about the return journey, lamenting the small stock of provisions that remained, the supply vessel having been left a long way behind, and fearing the stormy seas they would have to face. Diplomatically, so as not to vex their captain, they pointed out that his mission, which was to round the Cape of Torments, had been fulfilled, and the good news should be taken to the King as soon as possible.

Reluctantly Bartholomew Dias relented to prevent an eventual mutiny that might cast a shadow over his feat. In fact the King's instructions had directed that in case of serious emergency he should hear the opinion of the officers and follow the decision of the majority.

He therefore ordered the captains, officers and a few experienced seamen to come ashore and listened to their reasons "why it would be preferable to turn back". He agreed to return on condition that a minute be drawn up and signed by all, and that the men "would agree to sail a further two or three days along this new coastline", hoping perhaps to make some discovery that would encourage them to continue.

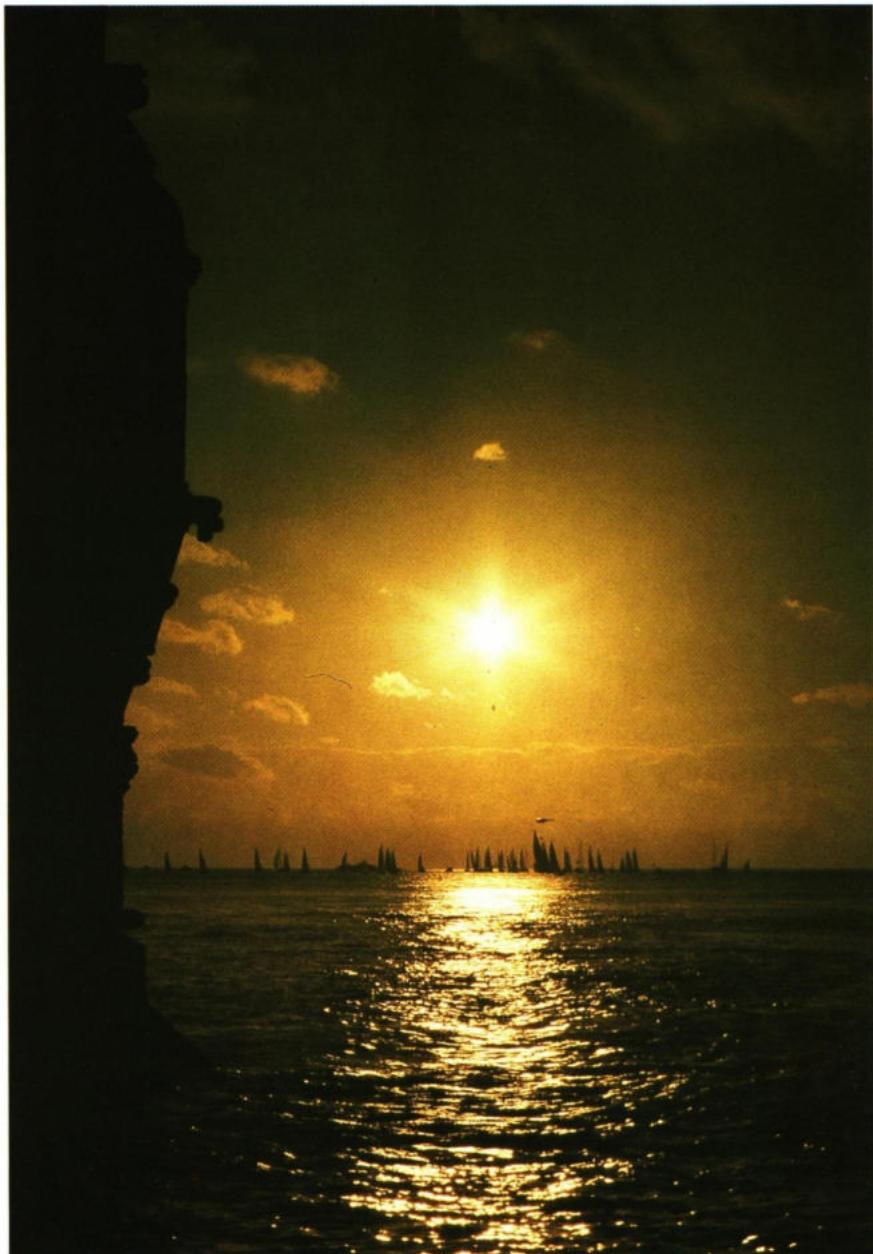
He again passed Santa Cruz Island where he had erected a monument, heartsick at having only

reached that far, God not having granted his wish to reach the final goal.

Then there rose before him the majestic Cape which bad weather had prevented his seeing on the outward journey. He erected a stone monument there, and named it the Cape of Torments. The sea again threatened tempest and he hurried to escape and meet the supply vessel left in Angra das Voltas months before. Of the crew of nine only three men remained. One was so weak he died of joy at the reunion.

The return voyage continued and the vessels finally arrived in Portugal in December 1488.

Bartholomew Dias' voyage was the penultimate link in the chain of explorations that culminated in the arrival of Vasco da Gama in India ten years later, an admirable example of a collective and systematic enterprise undertaken for decades, led by the Prince and supported by all the People, a mere million souls. It was of the greatest importance to Europe and Humanity, opening a trade route that was vital to the modern world. □

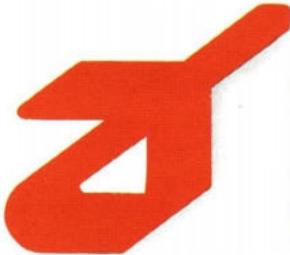


O sonho Português
The Portuguese Dream

O progresso do País passa pelas nossas Portas e Corredores aéreos

Somos uma grande empresa portuguesa,
com experiência e qualidade de serviços
internacionalmente reconhecidas.

Desenvolvemos e gerimos
os principais aeroportos nacionais
e as infra-estruturas de navegação aérea;
ordenamos e controlamos o tráfego

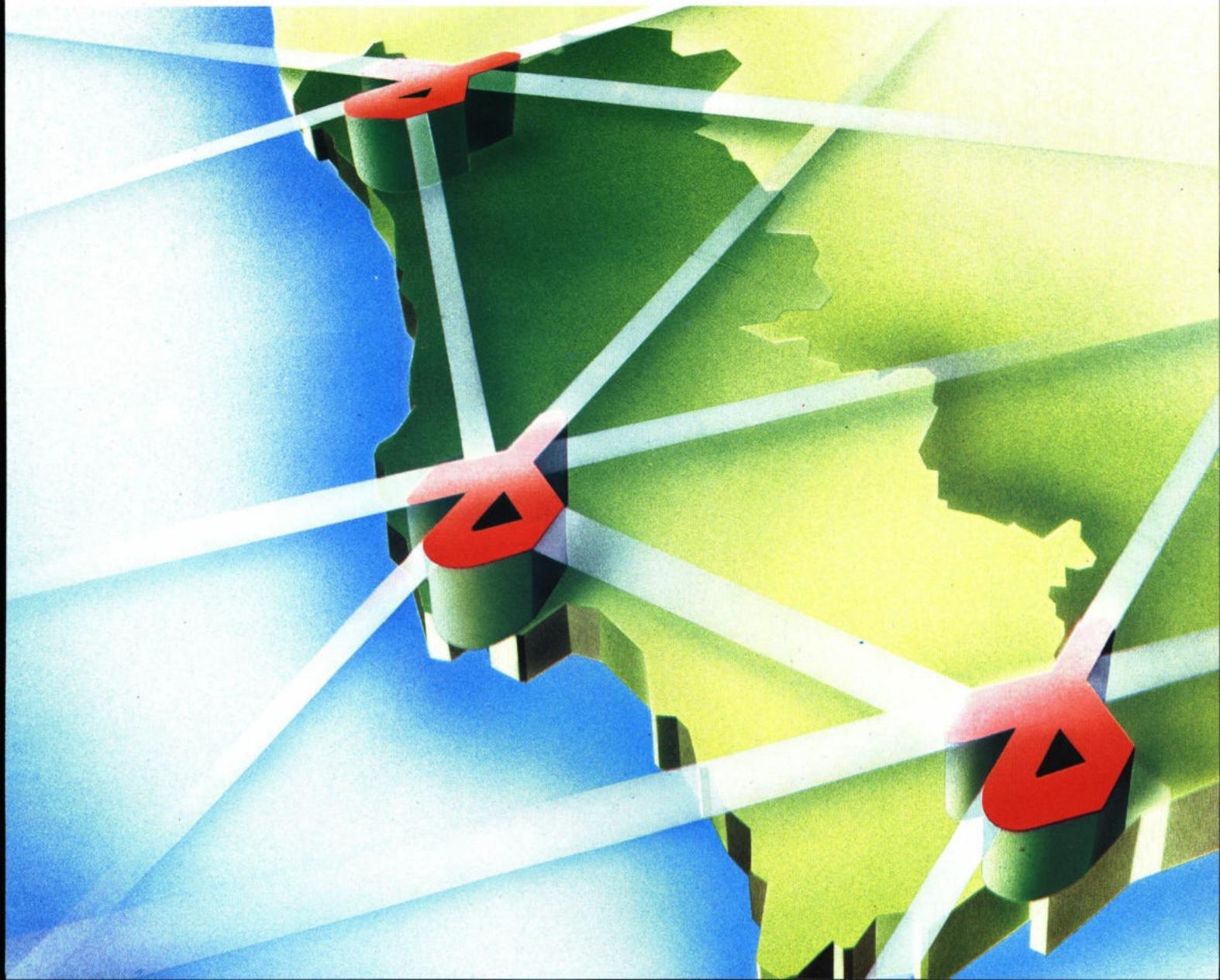


no vasto espaço aéreo
sob responsabilidade de Portugal.

Empenhados no progresso do País,
introduzimos e empregamos tecnologia de ponta
e meios humanos altamente qualificados,
para assegurar regularidade,
comodidade, eficácia e segurança,
tanto em terra como no ar.

aeroportos e navegação aérea, ana - e.p.

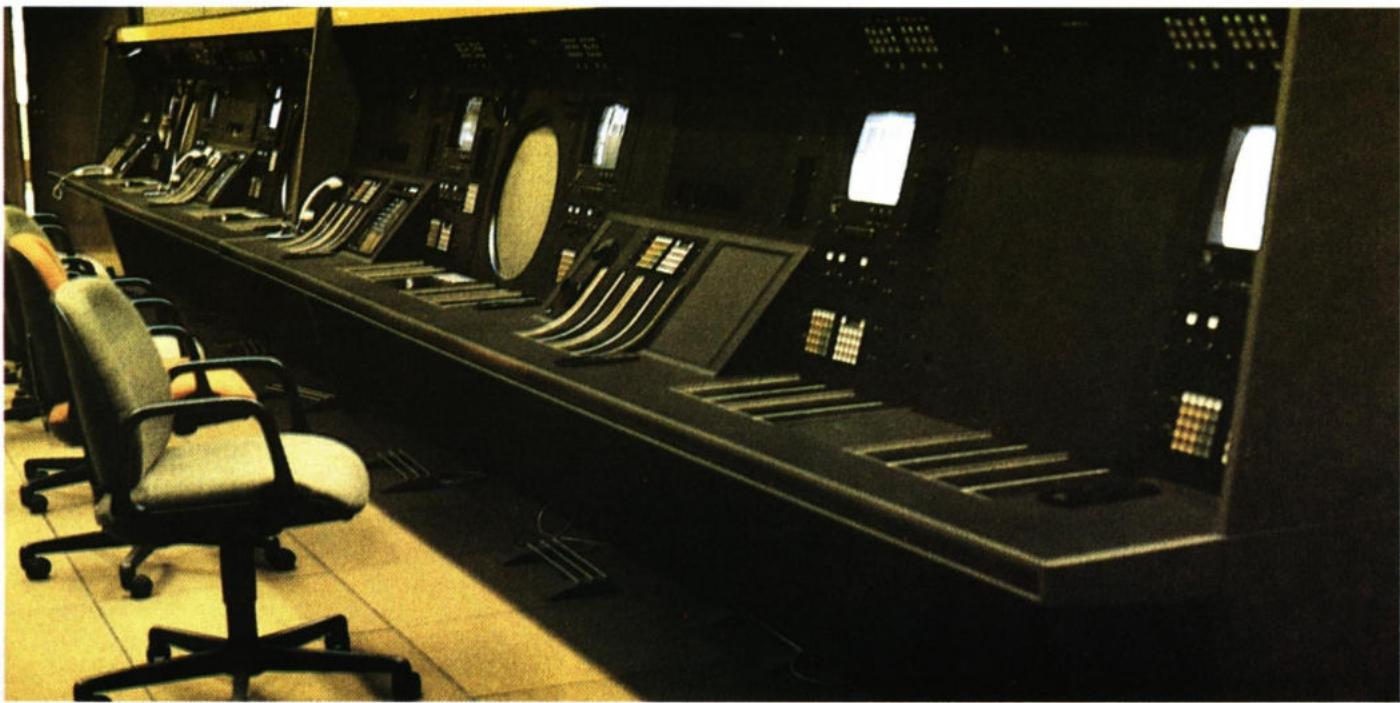
Prestígio internacional ao serviço de Portugal.



AS NOVAS CONDIÇÕES DE CONTROLO DE TRÁFEGO AÉREO OFERECIDAS POR PORTUGAL

Texto fornecido pela
EMPRESA PÚBLICA DE AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA

Em meados de Novembro de 1986, Portugal deu um passo de gigante ao colocar-se na vanguarda da mais avançada tecnologia do sector da navegação aérea. Com o arranque operacional do novo sistema de controlo, a Região de Informação de Voo de Lisboa (RIV) passou a dispor do mais moderno Sistema de Controlo de Tráfego Aéreo da Europa.



Com o arranque operacional do novo sistema de controlo, a Região de Informação de Lisboa, passou a dispor do mais avançado sistema de controlo de tráfego aéreo da Europa.

With the operational start up of the new control system the Lisbon Flight Information Region (RIV) was equipped with the most modern system of Air Traffic Control in Europe.

Este novo sistema de controlo de tráfego aéreo, é resultante de um projecto de modernização da RIV de Lisboa, designado por NAV I, desenvolvido e implementado pela Empresa Pública Aeroportos e Navegação Aérea — ANA, E.P., representando um esforço de investimento da ordem dos 5 milhões de contos, totalmente assumido por esta Empresa.

O reordenamento do espaço aéreo, a informatização de todo o sistema,

e a introdução da Radares Secundários, são algumas das alterações introduzidas, que pela sua importância merecem particular destaque quando nos referimos ao novo Sistema de Controlo de Tráfego Aéreo da RIV de Lisboa.

No âmbito do projecto, foi construído na área do Aeroporto um novo Centro de Controlo de Lisboa (C.C.T.A.L.). Na sala de operações deste moderno edifício encontram-se mon-

tadas as diversas consolas de sector — duas das quais de aproximação — de processamento de voo, de supervisão e de informação de voo. A sala de equipamentos situada no piso térreo comporta o equipamento do Sistema de Processamento de Dados de Voo (Flight Data Processing System — FDPS) e os seus subsistemas (MRDPS; RDPS e LFPPS), bem como os novos sistemas de telefone, rádio-telefone e vários outros.

► Com o arranque operacional deste Sistema, passou-se de um sistema manual de controlo de tráfego aéreo para outro com um grau de automatização extremamente avançado, que oferece aos controladores todos os dados — completa identificação das aeronaves, seus planos de voo e respectiva correlação — por visualização, o que, em parte, evita o esforço de memória a que os mesmos estavam sujeitos e aumenta a capacidade de escoamento do tráfego aéreo.

É de salientar que, pela primeira vez, foram instalados Radares Secundários em Portugal. No Sistema de Radar Secundário o avião deixa de se comportar como um alvo passivo; por meio de um emissor/receptor denominado "transponder" responde automaticamente à interrogação de terra, através de um código de impulsos que, descodificado, permite conhecer diversos dados sobre o avião e a sua rota.

Este sistema está na base da moderna automatização do controlo, fortemente baseada em meios electrónicos e de telecomunicações mais sofisticados, e recorrendo a técnicas avançadas, especialmente no domínio da informática.

Dado que o Controlo de Tráfego Aéreo pressupõe um conjunto de sistemas que fornecem aos controladores e aos pilotos as mais diversas informações, a ANA, E.P. para além das estações de radar, instalou ainda, dois Centros (Lisboa e St.ª Maria) de Comutação Automática de Mensagens na Rede Fixa de Telecomunicações Aeronáuticas, ligados à rede nacional e internacional, e tem vindo a proceder à instalação de comunicações telefónicas, de coberturas de rádio e de uma série de rádio ajudas do tipo VOR/DME, no Continente, Açores e Madeira, e de Sistemas ILS em Lisboa, Porto e Faro.

Os Centros de Comutação têm como principal função, a recepção, encaminhamento e transmissão automática de mensagens aeronáuticas aos seus destinatários, sendo certo que cada utente da rede, pode agora, através do seu terminal, enviar em qualquer altura, uma mensagem a um ou vários destinatários independentemente do seu destino.

Além de estarem ligados entre si estes Centros estão ligados a Madrid, Londres, N. Iorque e Shannon. O Centro de Comutação Automática de Mensagens de Lisboa encontra-se ligado ao sistema computorizado de Processamento de Planos de Voo (FPPS).

Neste breve apontamento, importa ainda salientar que a transição para o novo sistema foi rodeada de espe-

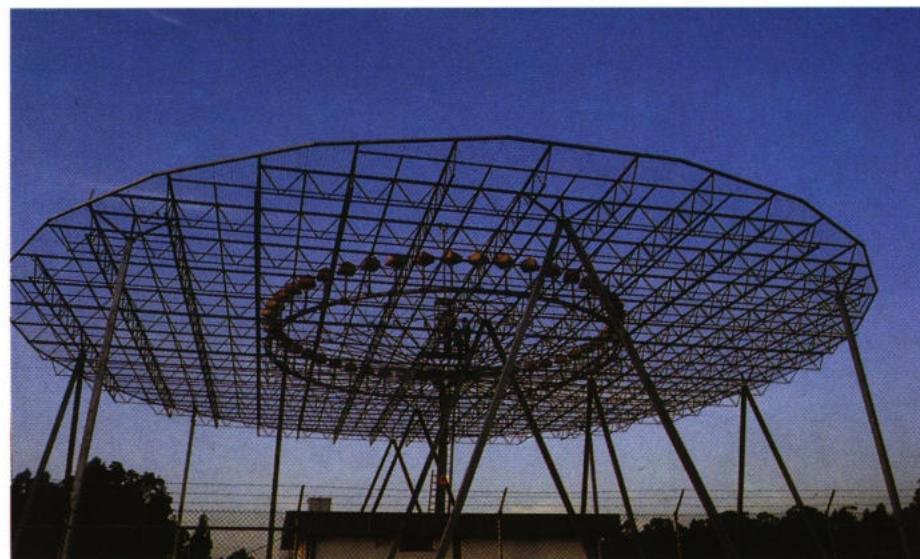
ciais cuidados, passando por uma fase de "operação sombra", durante a qual o antigo e o novo sistema funcionaram em paralelo.

As rádio ajudas do tipo VOR/DME (VHF Omnidirectional Rádio Range/Distance Measuring Equipment) são um conjunto de rádio-farol e equipamento de medição de distância que, em qualquer momento e a partir do solo, fornece ao piloto a posição do avião em relação aos espaços aéreos controlados, ajudando a localizar os aeroportos e a navegar dentro das rotas estabelecidas.

Por seu lado e no domínio dos sistemas de ajudas à navegação aérea a ANA, E.P. tem estado a implementar a instalação de novos ILS nos aeroportos de Faro, Porto e Lisboa, onde as operações de aterragem passarão a poder ser realizadas em CAT I, CAT II e CAT III, de acordo com as categorias (CAT) estabelecidas pela ICAO.

Os ILS (Instrument Landing System ou Sistema de Aterragem por Instrumentos), destinam-se a permitir que as aterragens se façam com visibilidade reduzida ou mesmo sem visibilidade. Assim em CAT I a informação fornecida pelo ILS deve permitir uma altura de decisão não inferior a 60 m e as referências visuais durante o rolamamento na pista (RVR) não deve ser menos que 800 m. Em CAT II a altura de decisão não deve ser superior a 30 m e o RVR não deve ser inferior a 400 m. Em CAT III a altura de decisão é nula e são desnecessárias referências visuais durante o rolamamento na pista.

Complementarmente e como suporte fundamental à operação em CAT estão em curso a instalação de sistemas automáticos, integrados de aquisição, tratamento, arquivo e difusão de dados meteorológicos nos aeroportos de Lisboa, Porto e Faro. □



Pela primeira vez foram instalados radares secundários.
Secondary radars have been installed for the first time in Portugal.

NEW AIR TRAFFIC CONTROL FACILITIES OFFERED BY PORTUGAL

By: PUBLIC COMPANY FOR AIRPORTS AND AIR NAVIGATION

In the middle of November 1986 Portugal took a gigantic step forward to the forefront of the most advanced technology of the air traffic sector. With the operational start up of the new control system the Lisbon Flight Information Region (RIV) was equipped with the most modern system of Air Traffic Control in Europe.



This new air traffic control system is the result of a project for the modernisation of the Lisbon RIV known as NAVI, developed and implemented by the Public Company for Airports and Air Navigation — ANA,

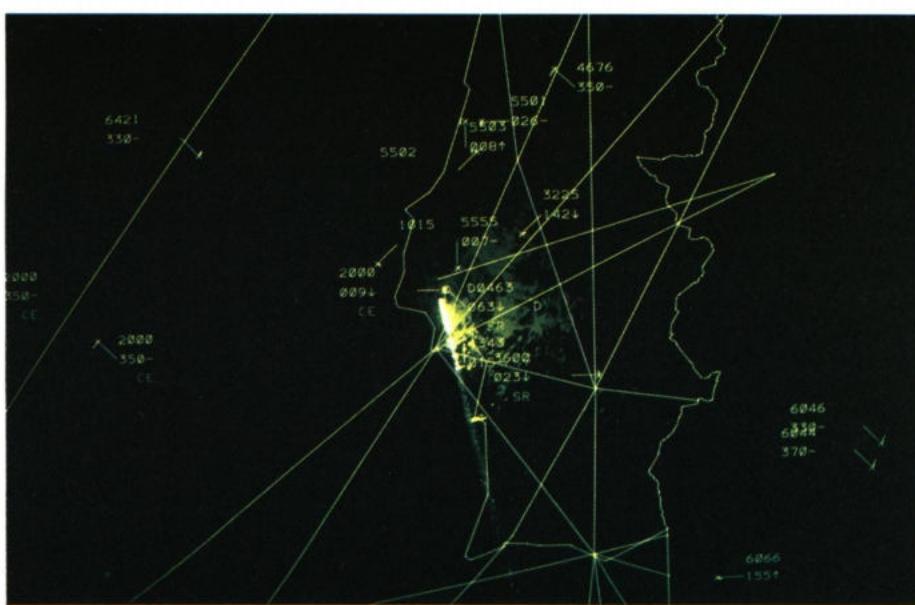
E.P., and representing an investment of approximately 5 thousand million escudos financed entirely by this Company.

The reordination of air space, computerisation of the entire system and

the introduction of secondary radars are some of the alterations that have been introduced and they are extremely important within the ambit of the new Lisbon RIV Air Traffic Control System.

The project also included the construction, within the airport area, of a new Lisbon Control Centre (CCTAL). The operations room of this modern building contains various sector consoles — two of which are for approaches — for flight processing and flight supervision and information. The equipment room on the ground floor contains apparatus for the Flight Data Processing System (FDPS) and its subsidiary systems (MRDPS, RDPS and LFPPS), as well as the new telephone and radio telephone systems among various others.

With the operational start up of this system a change has been made from a manual system of air traffic control to one with an extremely advanced degree of automation, which provides controllers with all data — complete identification of aircraft, flight plans and respective correlation — in visual form, thus partly alleviating the effort to memorise and increasing the capacity of air traffic flow.



Passou-se de um sistema manual de controlo de tráfego aéreo para outro com um grau de automatização extremamente avançado.

A change has been made from a manual system of Air Traffic Control to one with an extremely advanced degree of automation.

► Special mention should be made of the fact that secondary radars have been installed for the first time in Portugal. In a Secondary Radar System the aircraft is no longer a passive target; by means of a transmitter/receiver called "transponder" it automatically responds to interrogation from the ground, by means of a code of impulses which, on decoding, gives a variety of information on the aircraft and its flight path.

This system is the basis of modern

control automation, fundamentally based on sophisticated electronic and telecommunications equipment and using advanced technology, especially in the area of data processing.

As Air Traffic Control depends upon a series of systems which provide controllers and pilots with a variety of information, ANA, E.P., in addition to the radar stations, has installed two centres (Lisbon and Santa Maria) for the Automatic Commutation of Messages on the Fixed Net-

work of Aeronautical Telecommunications, linked to the national and international network, and has installed telephone communications, radio coverage and a series of radio aids of the VOR/DME type on the mainland, Azores and Madeira, and ILS systems in Lisbon, Oporto and Faro.

The main function of the Communication Centres is the reception, distribution and automatic transmission of aeronautical messages to their destinations, each network user now being able, through his terminal, to send at any time, a message to one or various addressees independently of their destinations.

In addition to being connected with each other these Centres are linked to Madrid, London, New York and Shannon. The Lisbon Centre for Automatic Commutation of Messages is now linked up to the computerised system for Flight Plan Processing (FPPS).

This brief notice should also mention that transition to the new system was made with special care and went through a phase of "shadow operation", during which the old and new systems worked side by side.

The VOR/DME type radio aids (VHF Omnidirectional Radio Range / Distance Measuring Equipment) consists of a radio beacon and distance measuring equipment which, at any moment and from the ground, gives the pilot the position of the aircraft in relation to the controlled air spaces, helping to locate airports and assist navigation within established flight paths.

Within the ambit of aids to air navigation ANA, E.P. has installed new ILS systems in Faro, Oporto and Lisbon where landings will be effected in CAT I, CAT II and CAT III according to the categories (CAT) laid down by the ICAO. The ILS (Instrument Landing Systems) will permit landing in conditions of poor visibility or even no visibility. Thus in CAT I the information provided by the ILS should permit a decision height of not less than 60 m and visual references during taxiing on the runway (RVR) should not be less than 800 m. In CAT II the decision height should not be more than 30 m and the RVR should not be less than 400 m. In CAT III the decision height is nil and visual references during taxiing on the runway are unnecessary.

As a complement and basic support to the operation in CAT, automatic, integrated systems of acquisition, processing, filing and diffusion of meteorological data are being installed in the Lisbon, Oporto and Faro airports. □



Portugal passou a dispor do mais moderno sistema de controlo da Europa.
Portugal was equipped with the most modern system of Air Traffic Control in Europe.

Seleccionamos a carne e o peixe de melhor qualidade, os melhores legumes, os melhores frutos, os melhores ingredientes.
Escolhemos a doçaria mais adequada a cada refeição.
Trabalhamos com os equipamentos mais evoluídos.
Temos ao nosso serviço os melhores profissionais.
Aliamos a tudo isto a tradicional qualidade da Cozinha Portuguesa.
QUALQUER QUE SEJA A CLASSE EM QUE VIAJE, A **SARL PROPORCIONA-LHE SEMPRE UMA REFEIÇÃO DE PRIMEIRA CLASSE.**

We select the best quality meat and fish, the best vegetables and fruit, the best ingredients.
We choose the sweet dishes most suitable for each meal.
We work with the most modern equipment.
We have the best professionals in our service.
We add to all this the traditional quality of Portuguese Cooking.
**WHATEVER CLASS YOU TRAVEL
SARL ALWAYS GIVES YOU A FIRST CLASS MEAL.**



SARL
catering

Sociedade Abastecedora de Aeronaves, Lda.

PRINCIPAL EMPRESA NACIONAL DE CATERING DE AVIAÇÃO – LEADER AIRCRAFT CATERING COMPANY

SEDE-HEAD OFFICE - LISBON

PRACETA DOMINGOS RODRIGUES
QUINTA DO FIGO MADURO
2685 SACAVÉM
TELEFONE: 2513091
TELEX: 12626 GIRSOL P

FILIAIS-BRANCHES

FARO
AEROPORTO DE FARO
TELEFONES: 23969-23498
8000 FARO

MADEIRA
SÍTIO MÃE DEUS – CANIÇO
TELEFONE: 932311 – TELEX 72584 GIRSOL P
9125 CANIÇO

OS 150 ANOS DOS PASTEÍS DE BELÉM

Um artigo de
MARIA IRENE SILVA

Quentinhos, estaladiços, com o perfume de canela a subir pelas narinas e a acariciar a pituitária. Ou mornos, de creme a escorrer pelos cantos da boca. Frios ainda, se bem que não tanto; mas numa de pressa, quem é que protesta?

Sabe ao que nos estamos a referir? É natural que não, pois só os verdadeiros iniciados podem identificar a terminologia, aqueles que, ao longo de muitos e muitos anos não dispensam a ritual peregrinação ao "santuário". Estes juram a pés juntos não haver outro lugar de igual devoção, por mais que em Lisboa tenham proliferado "sucursais" onde os viciados da "bica e pastelinho" acalmam as ânsias. Os mais devotos, porém, afirmam que só mesmo lá é que é bom e verdadeiro.

Estamos a referir-nos à FÁBRICA DOS PASTEÍS DE BELÉM.

Era uma vez... Costumam começar assim as histórias e as lendas e esta história já terem foros de lenda. Corria o ano de 1837. O Sr. Domingos Rafael Alves, confeiteiro e proprietário de uma refaria de açúcar situada na Rua de Belém entre os Jerónimos e o Palácio, contratou um pasteleiro do Mosteiro recentemente despedido. Em boa hora o fez: para confirmar a regra — tantos e tantos doces, manjares e licores conventuais em que a cozinha portuguesa é tão pródiga — este sabia fazer uns pastelinhos doces muito deliciosos.

A fama dos "Pasteis de Belém" começou a espalhar-se e começaram também a surgir as cópias ▶



O rigor da grande música
O rigor da grande cerveja
A mesma exigência

RIGOROSAMENTE **Carlsberg**



que nunca chegariam a igualar o original pois em 1879 a empresa comprou a receita, assegurando assim o segredo do seu fabrico.

Por disposição testamentária, na ausência de herdeiros directos, a gerência fica ao cuidado dos funcionários que mais directamente estiveram ligados ao estabelecimento e o segredo da receita é apenas transmitido religiosamente ao empregado que maior honestidade e capacidade de trabalho demonstre. Tal se tem verificado ao longo destes 150 anos e os actuais Grão-Mestres desta confraria são os Srs. Henrique e Luís Ramos, Mestres-pasteleiros.

O "Laboratório" é uma sala anexa à cozinha, onde ambos se fecham à chave — da qual só estes têm a cópia — para, por processos puramente artesanais e apenas com o auxílio de uma centenária

máquina de esticar massa, juntarem açúcar, farinha, leite, ovos e restantes ingredientes secretos em proporções também secretas, segundo a velha receita tão ciosamente guardada que nem os próprios donos da Fábrica a sabem.

Deste acto de devoção nascem uma massa folhada única e um creme leve e untuoso que dão aos pastéis a fama que tão bem merecem.

Por um óculo na porta da sua sala e que dá para a cozinha, os pasteis controlam os andamentos na mesma e na altura devida trazem a massa e o creme para fora, tendo o cuidado de fecharem logo a porta atrás de si.

Mãos femininas são consideradas essenciais para forrarem as forminhas com a massa — folhar-se chama esta operação. De vestidos gigantescos tachos de co-

bre é retirado o creme para os furos que dedos ágeis e sábios deixam escorrer controladamente para dentro das formas já forradas, num prenúncio do que bocas guulosas experimentarão no final do processo.

Um dos poucos sacrifícios à industrialização: as forminhas forradas e arrumadas em tabuleiros são conservadas em câmaras frigoríficas, de onde vêm saindo à medida das necessidades, de maneira a poderem manter ao longo do dia, às vezes até à meia-noite, a qualidade que os seus admiradores exigem.

Outra das cedências é o forno eléctrico, este também fruto da necessidade de dar rápido escoamento à enorme procura. Mas o velho forno a lenha lá está e aos Domingos e Feriados ainda funciona, para deleite dos mais exigentes que garantem que os pastelinhos aí cozidos têm um sabor diferente.

Uma cozinha, duas copas e sete salas formam o estabelecimento, num total de 1500 lugares sentados. No entanto, só aos fins de semana funcionam na sua totalidade. Durante os "dias úteis" só quatro salas se mantêm abertas. Quanto ao número de frequentadores diários e pastelinhos consumidos, esse é outro segredo bem guardado. Mas quem foi que disse que o segredo é a alma do negócio?

Se o leitor destas linhas vem a chegar, não deixe de incluir nas suas deambulações pela cidade de Lisboa uma visitinha aos "Pastéis de Belém". Dos Jerónimos lá é um saltinho e, além de satisfazer o gosto e o olfacto, poderá também aproveitar para recrear a vista nuns belos azulejos antigos, muito bem conservados, e numa pequena vitrina, pomposamente chamada de "Museu", onde repousam alguns instrumentos de cozinha antigos, que provavelmente muitos Museus gostariam de poder incluir nas suas coleções.

Não se esqueça também que, se tiver deixado na sua terra uma avó ou velha tia (muito especialmente se for uma tia rica), lhes pode levar uns pastelinhos, muito bem acondicionados dentro de umas embalagens próprias, nas quais não faltarão os pacotinhos de açúcar e de canela, complementos considerados indispensáveis.

Ao fim e ao cabo, nem toda a gente se pode gabar de ter comido pastelinhos com 150 anos de idade, quentinhos e saborosos como no primeiro dia. □



A operação de "folhear"
The foliation of the tins



Os mestres pasteleiros
The master pastry-cooks

150 YEARS OF BELÉM TARTS

By: MARIA IRENE SILVA

Hot and crispy with the scent of cinnamon pervading the nasal orifices and caressing the pituitary body. Or warm, with creamy custard oozing from the corners of the mouth. Or even cold, although not quite so good; but, in a hurry, who is to protest?

Do you know what we're talking about? Probably not, for only the truly initiated will be able to identify the terminology, those who, for many, many years, have been unable to do without the ritual pilgrimage to the "sanctuary". They swear there is no other place of equal devotion, although in Lisbon "branches" have sprung up where those addicted to coffee and tarts can calm their anxieties. The more devoted, however, affirm that only there are they good and authentic.

We are referring to the BELÉM TART FACTORY. Once upon a time... that's how stories and legends begin and this story now has the prerogatives of a legend. It was the year 1837. Mr. Domingos Rafael Alves, confectioner and owner of a sugar refinery in Belém Street, between Jerónimos Monastery and the Palace, hired a pastrycook from the Monastery who had recently been dismissed. And what a good thing he did: to confirm the rule — Portuguese cookery abounds in so many convent sweets, puddings and liqueurs — this man knew how to make some very delicious small, sweet tarts.

"Belém Tarts" began to be famous and imitations began to appear, which were never the equal of the originals for, in 1879, the firm bought the recipe, thus assuring the secret of the confection.

By testamentary provision, in the absence of direct heirs, the management was entrusted to the care of those employees most closely connected with the establishment, and the secret of the recipe is transmitted to the most honest

employee who has shown the greatest capacity for work. It has been this way for the last 150 years and the actual grand masters of this brotherhood are Messrs. Henrique and Luis Ramos, master pastry-cooks.

The "laboratory" is a room next ▶



O "laboratório"
The "laboratory"

► to the kitchen where they both lock themselves in — with keys which only they possess — and with the aid of a centenarian machine and by artisan processes, they mix sugar, flour, milk, eggs and the remaining secret ingredients, in proportions which are also secret, according to the old, jealously guarded, recipe which not even the owners of the factory know.

From this act of devotion a unique flaky pastry and a light, creamy custard are produced which give the tarts the fame they so deserve.

Through a small, circular window in the door of their room, looking onto the kitchen, the pastry-cooks supervise the work going on and at the appropriate time they bring out the pastry and the custard, being careful to lock the door behind them.

Feminine hands are considered essential to line the tins with the pastry — this operation is called "foliation". The custard is taken from gigantic copper pots and put into funnels through which agile, experienced hands allow the custard to pour into the lined tins, a foretaste of what greedy mouths will relish at the end of the process.

One of the few sacrifices to industrialization: the tins, lined and set out on trays, are kept in a refrigerator from which they are taken as and when they are needed, in order to maintain throughout the day, sometimes up to midnight, the quality demanded by their admirers.

They have also given in regarding the electric oven, which is also required to meet the enormous demand. But the old wood-fired oven is still there and still works on Sundays and Holidays, to the delight of the more demanding who guarantee that the tarts cooked in it have a different flavour.

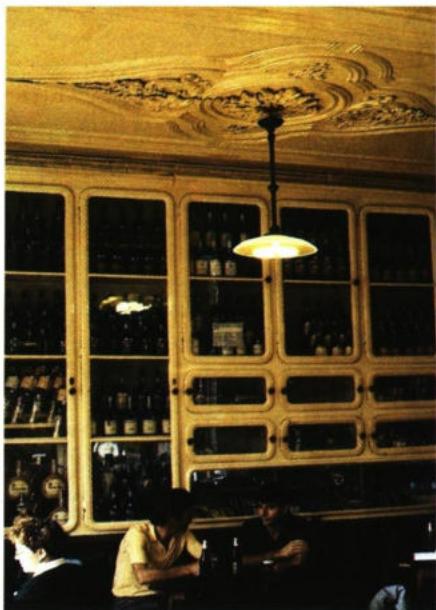
The establishment consists of a kitchen, two pantries and seven rooms with a total seating capacity of 1,500. However, the latter only function completely at the weekends; on weekdays only four rooms are open. As to the number of daily frequenters and tarts consumed, that is another well kept secret. But who was it who said that secrecy is the soul of business?

For the reader of these lines who is on his way here, don't forget to include in your wanderings around the city of Lisbon a visit to the

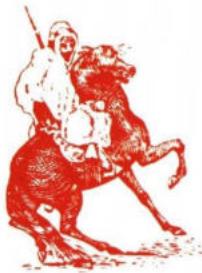
"Belém Tarts". It's only a short walk from Jerónimos and, in addition to satisfying your palate and sense of smell you can also take the opportunity to feast your eyes on some beautiful old tiles, very well preserved, and a small showcase, pompously called the "museum", containing some old kitchen utensils which many museums would probably be glad to include in their collections.

Don't forget too, that if you left your grandmother or an old aunt (especially a rich aunt) at home you could take them back some tarts, which are very well packed in special boxes including the little packets of sugar and cinnamon, considered essential complements.

Not everyone can boast of eating tarts 150 years old, as hot and delicious as on the first day. □



A equipa e a fábrica
The team and the factory



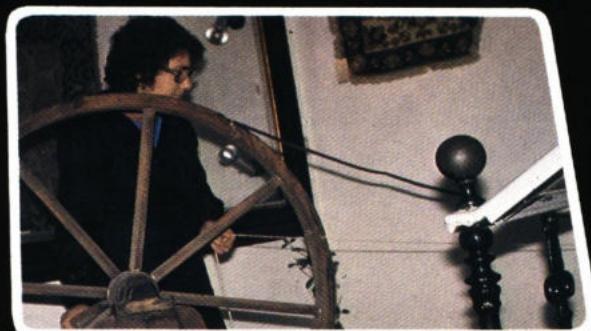
FÁBRICA DOS TAPETES KALIFA

M. J. Pinto Xavier & C.ª, Lda.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 44-46 — TELEF. 066/42117
7040 ARRAIOLOS — PORTUGAL



A beleza e o fascínio de uma arte secular
The beauty and fascination of a secular art



Arraiolos é uma modesta e simpática vila alentejana que se orgulha de há séculos ter criado a mais linda e preciosa tapeçaria portuguesa.

Arraiolos is a charming, modest little town in the province of Alentejo which is proud of its centuries-old tradition of creating the most beautiful and most precious carpets in Portugal.



1 GRAND - PRIX
1922

1 GRAND - PRIX
1929

1 PRÉMIO DE HONRA
1929

GRAU COMENDADOR
1930

EUROPEAN CHAMBER OF COMMERCE

APOLLO D'ORO
EUROPEAN OSCAR FOR ECONOMIC
ACTIVITIES



PRESÉPIOS PORTUGUESES NO SÉCULO XVIII



Presépio realizado nas oficinas de Mafra. Escola Machado de Castro. Sec. XVIII.
Nativity Scene created in the Mafra workshops. Machado de Castro School. XVIIIth-century.

Texto de: ERNESTO DE SOUSA

Fotos cedidas pelo
MUSEU DE ÉVORA

Transcrição do livro
"PRESÉPIOS, O SOL, OUTRAS LOAS & ETC."
autorizada por BERTRAND EDITORES

O Presépio propriamente dito consagrou as suas formas sobretudo através da pintura, acrescentando-se-lhe cenas da chegada da multidão de curiosos e outros episódios da vida corrente.

No Séc. XIII, S. Francisco, que como se sabe procurou humanizar todas as histórias relativas à vinda de Jesus, realizou um presépio com personagens reais numa gruta junto de um eremitério da Umbria. Esta teatralização não seria inteiramente inédita, porquanto o Natal deve ter sido frequentemente representado nos Mistérios medievais.

Os Mistérios, geralmente realizados nos adros das igrejas durante toda a Idade Média, privilegiavam naturalmente o Natal, em cenas que procuravam com a sua mobilidade prática corresponder, sugerir, a expressão e a liturgia que se ia consagrando.

No Renascimento, tudo isto foi tratado com maior grandiosidade teatral. Os quadros e representações da "Natividade" e das "Adorações" surgiam ligadas ao Presépio que com frequência era constituído por uma casa em ruínas.

A esta fixação correspondeu a modelação de presépios de barro na sua fase definitiva. É então que surgem em Portugal e na orla mediterrânea, desde Barcelona até Nápoles, os presépios cujo apogeu corresponde já ao século XVIII e que tratamos a seguir.

Foi durante o século XVIII que houve em Portugal uma verdadeira explosão quanto à feitura de presépios. De tal maneira que um dos mais apaixonados estudiosos desta matéria, Diogo de Macedo, lhe chamava "o Século dos Presépios". Contribuiram para esta produção em grande quantidade diversos factores, nomeadamente o retorno de portugueses vindos de Itália, aonde tinham ido estudar com a protecção dos poderosos da época e à ordem da própria Corte.

Eles trouxeram a moda, o espírito e o estilo, a graça desta relativa novidade... Também contribuiram muito o entusiasmo dos

► franciscanos e de alguns dominicanos.

Na verdade, enquanto em Itália os presépios tiveram antecedentes, por toda a Europa cristã tiveram importância nomeadamente a realização dos Mistérios em cenas vivas da Natividade; em Portugal o Presépio de Belém com cenas da Natividade e Adoração já há séculos que era assunto inspirador dos artistas, poetas e músicos, havendo entre nós documentos dessa inspiração desde o século XIV, na arca do sepulcro de D. Inês, em Alcobaça e, segundo o relato de Frei Luís de Sousa, havia uma tábua pintada na qual a Virgem adorada pelos Reis Magos era o retrato da chamada Rainha Santa.

Desde essa época, naturalmente, que os presépios continuaram a ser produzidos, acrescentados, alterados, conservando, no entanto, as figuras principais que já indicámos e que se podem reduzir, fundamentalmente, a três espécies: a cena principal da Natividade, com seus personagens humanos e animais; a cavalgada dos Reis Magos com seu exotismo marcado de vários acidentes percorrendo as ladeiras e caminhos que levam em cada maquineta à cena principal; camelos, elefantes e outros animais estranhos marcam bem a referência a um mundo não quotidiano.

Assim, raras são as terras de província ou as cidades portuguesas que não possuem, quer na igreja ou em oratórios particulares, maquinetas e redomas com mais ou menos pitorescos presépios que em tempos natalícios continuam a motivar festejos e manifestações diversas.

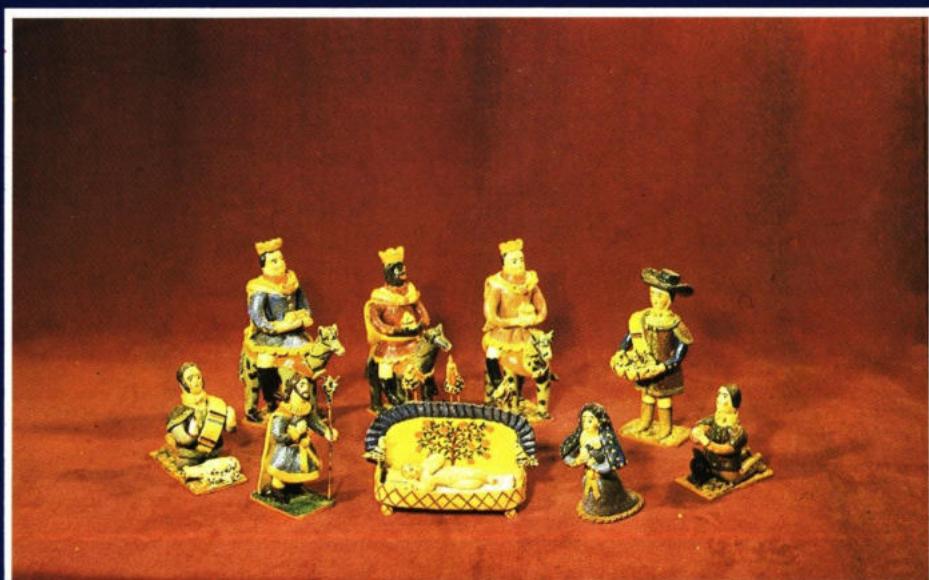
Em palácios, museus e altares as peças mais notáveis desta obra são muito numerosas e algumas impõem-se pelo gosto estilístico, o lirismo mais ou menos ingênuo das composições, o estilo mais ou menos rigoroso; em barro, marfim, cera, madeira, cortiça, conchas, etc.

Não tendo sido possível até ao momento organizar-se um museu de presépios, encontram-se no entanto em Lisboa os espécimes principais: na Igreja da Sé Catedral, na Igreja da Estrela, em S. Vicente de Fora, no Museu Nacional de Arte Antiga, na Madre de Deus, etc.

Diferenciando-se na estrutura original, que cada um requer, com engenhos simples ou complicados, consoante as proporções e o destino a que foram votados, quase ▶



Presépio em marfim, neo-clássico, com a reconstrução da gruta de Belém colocada em maquineta em pau-santo. Sec. XVII-XVIII. Col. Particular.
Neoclassical Nativity Scene in ivory. Reconstruction of the Grotto of Bethlehem in a lignum-vitae oratory. XVIIth-XVIIIth-centuries. Private coll.



Presépio popular de Estremoz, em barro, Sec. XIX-XX. Col. Museu Municipal de Elvas.
Popular Nativity Scene from Estremoz, in clay. XIXth-XXth-centuries. Coll. of Municipal Museum of Elvas.



Conjunto de 8 peças de barro cozido e policromado. Sec. XVIII. Arte Popular de Estremoz. Col. Museu de Arte Sacra D. Manuel Mendes Conceição Santos — Vila Viçosa.
Set of 8 pieces of polychrome earthenware. XVIIIth-century. Popular art from Estremoz. Coll. Museum of Sacred Art D. Manuel Mendes Conceição Santos, Vila Viçosa.

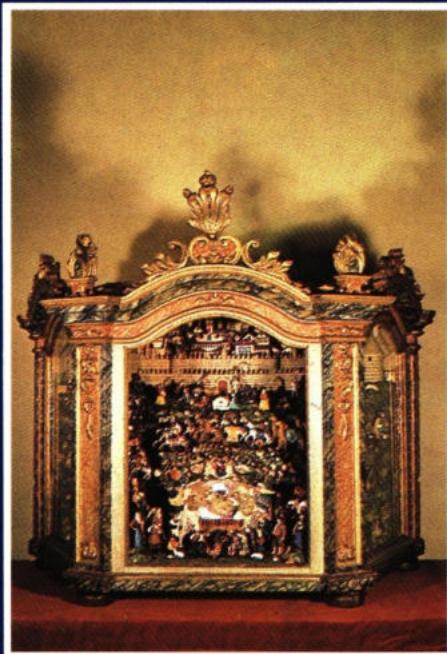
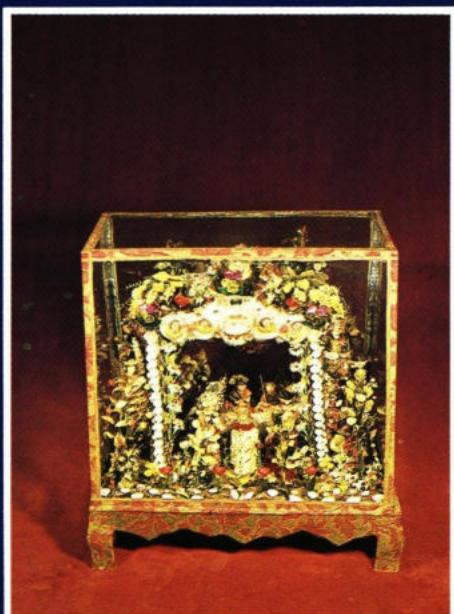
• todos apontam nos motivos mais em evidência, e particularmente nos da simbologia cristã, assim como em certas cenas do pitoresco popular à incontestável personalidade de um mestre primeiro: Joaquim Machado de Castro.

A par deste, virá, pela exceléncia das obras mais ou menos idênticas, com mais ou menos rigor, outro notabilíssimo barrista, o António Ferreira — "o Ferreirinha de Chelas" — a quem ficámos devendo, segundo parece, as maravilhas que são o Presépio da Madre de Deus e os conjuntos equestres e outras figuras que restam de vários trabalhos do mesmo Mestre.

Deve citar-se também a Escola de Mafra, onde se esboçaram os primeiros presépios em barro, donde surgiu uma verdadeira arte produzida por escultores-oleiros que nos deixaram belos exemplares de elevada sensibilidade estética.

Podem referir-se ainda os nomes de Joaquim José de Barros ou Barros Laborão, José de Almeida, Manuel de Reixa ou Manuel Vieira, o Padre João Crisóstomo Policarpo ou Raimundo Costa que são os principais autores desta variada produção artística com imprevistos detalhes complementares de grupos de pastores ou camponeses, de festeiros em ranchos diversos, romarias, cortejos, cavalgadas, pares isolados de namo-

Maqueta envidraçada com a Natividade ao centro, rodeada de figuras de barro de Estremoz. Peça rara. Sec. XIX. Col. Particular — Estremoz.
Glass fronted oratory with Nativity Scene in the centre, surrounded by clay figures from Estremoz. A rare piece. XIXth-century. Private coll. Estremoz.



Presépio formado por figuras de terra-cota policromada, colocado oratório envidrado de folha dourada. Sec. XVIII. Col. Santuário de Nossa Senhora da Visitação. Montemor-o-Novo.
Nativity Scene with polychrome terracotta figures in gilded, glass-fronted oratory. XVIIIth-century. Coll. Sanctuary of Our Lady of the Visitation, Montemor-o-Novo.

das procissões que se dirigem à gruta de Belém.

Efectivamente, os presépios eram sobretudo obras de oficina, onde vários autores participaram na modelação de figuras ou grupos, que pressupunha na sua execução artistas diversos, alguns es-

rados junto às fontes, os tocadores de diversos instrumentos, casais com ofertas, velhas e novas com cestos de ovos ou doces caseiros, e outras cenas típicas de lavadeiras, bailes, merenda, matança do porco ou do borrego, em cenas isoladas ou fazendo parte



Presépio de Barros Laborão — Escola Machado de Castro. Col. Marquês de Belas.
Nativity Scene by Barros Laborão — Machado de Castro School. Coll. of the Marquis of Belas.

pecializados em modelarem temas determinados.

Havia assim os barristas que executavam agrupamentos populares, outros as cavalgadas, os núcleos centrais de carácter mais sagrado, outros ainda que se especializavam nas glórias de anjos, ou nos instrumentos musicais, ou nos arvoredos ou fundos de casarios.

Aspectos populares relacionados com o Natal, são apresentados nos presépios portugueses do século XVIII; neles o pitoresco e o característico casam-se com peças do tecido social que preenche a mesma opulência, o mesmo gosto e grandeza.

Assim os presépios são barrocos e contribuem para a própria

definição do barroco. Eles refletem e são ou foram um modo de estar na vida.

Os presépios são ao mesmo tempo o reflexo desta multidão de participações e objectos de um bem específico rito de passagem, o NATAL. □

PORUTUGUESE NATIVITY SCENES IN THE XVIIIth CENTURY

By: ERNESTO DE SOUSA

Photos by: MUSEU ÉVORA

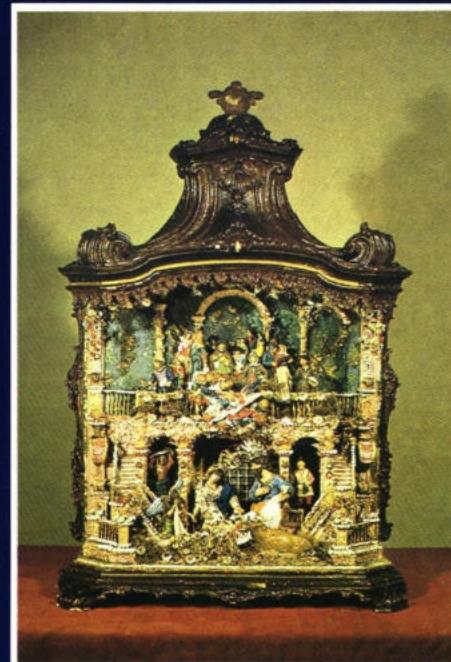
Nativity scenes took their basic form from paintings and were enlarged by the addition of scenes from daily life and multitudes of curious people arriving at the manger.

In the XIIIth Century St. Francis, who as everyone knows sought to humanise all the stories relating to the coming of Jesus, staged a nativity scene with real people in a grotto near a hermitage in Umbria. Such a theatrical episode would not have been entirely unknown as Christmas must have been frequently represented in the mediaeval miracle plays.

The miracle plays, generally performed in the churchyards throughout the Middle Ages, naturally included Christmas as one of their most frequent themes in scenes which sought with practical mobility to correspond to and suggest the sacred liturgy.

In the Renaissance all this was treated with great theatrical magnificence. Scenes and representations of the "Nativity" and the "Adoration" were linked to the crib which was frequently in a ruined house.

This was the model used for clay nativity scenes in their definitive phase. At that time nativity scenes appeared in Portugal and along the Mediterranean coast from Barcelona to Napolis. They reached their crowning point in the XVIIIth century and we shall describe this period hereunder.



Presépio em terra-cota inserido num oratório em forma de baldaquino. Sec. XVIII — Arte oficial Lisbonense. Col. Museu de Évora.
Terracotta Nativity Scene in an oratory in the form of a baldachin. XVIIIth-century. Lisbon craftwork. Evora Museum coll.



Conjunto de 3 figuras em barro estilo popular de Estremoz. Sec. XIX (inicio). Col. Particular.
3 clay figures in the popular style of Estremoz. Beginning of the XIXth-century. Private coll.



Pormenor de presépio inserido num oratório em forma de baldaquino. Séc. XVIII. Col. Museu de Évora.
Detail of Nativity Scene in an oratory in the form a baldaquin. XVIIIth-century. Evora Museum coll.

During the XVIIIth century there was a creative explosion of nativity scenes. It was so pronounced that one of the most dedicated students of this material, Diogo de Macedo, called it "the Century of Nativity Scenes". This large-scale production was due to various factors including the return of Portuguese artists from Italy where they had gone to study under the protection of powerful men of the time and by order of the Court.

They brought with them the fashion, spirit, style and grace of this relative novelty... The enthusiasm of the Franciscans and some Dominicans also contributed.

In fact while nativity scenes had forebears in Italy, they were important all over Christian Europe. The miracle plays included living scenes of the Nativity while in Portugal the Crib of Bethlehem with scenes of the Nativity and Adoration of the Kings had for centuries inspired artists, poets and musicians. There is evidence of that inspiration from the XIVth century on the tomb of Dona Inês in Alco-

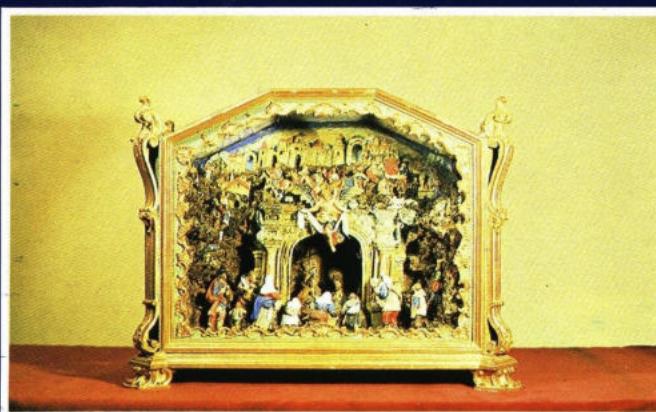
baça and, according to Frei Luís de Sousa, there was a panel with a painting of the Virgin adored by the Wise Men which was a portrait of the Portuguese Queen known as the Saintly Queen.

From that period onwards nativity scenes continued to be produced, added to and altered. However, they retained the principal figures already indicated which may be divided into three main groups: the principal scene of the Nativity, with its human and animal figures; the cavalcade of the

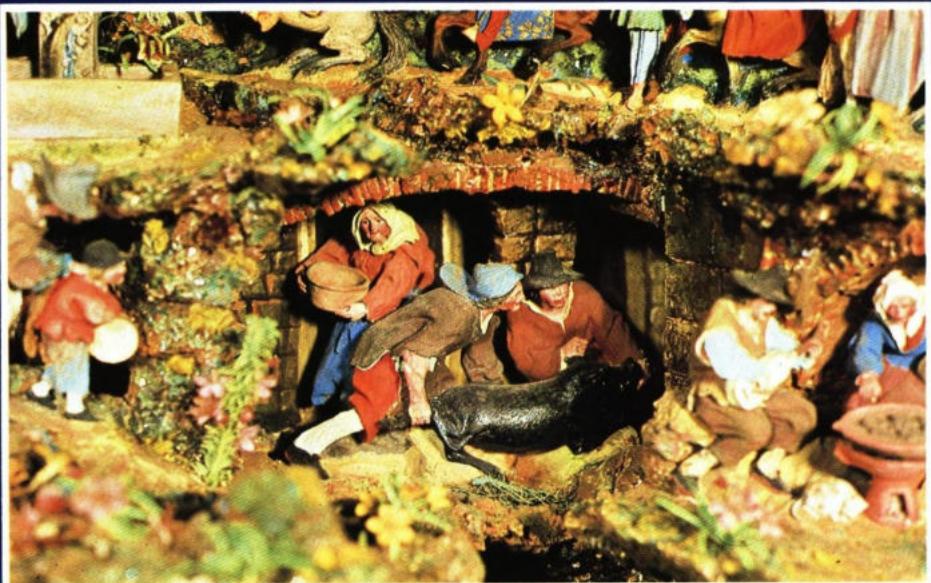
exotic Wise Men riding along the slopes and paths which lead to the principal scene; camels, elephants and other strange creatures which characterise an unusual world.

It is very unusual to find Portuguese villages or towns that do not possess, either in the church or in private oratories, mechanical devices and glass cases with more or less picturesque nativity scenes which at Christmas time continue to inspire celebrations and other manifestations.

There are many excellent exam-



Maquineta de madeira de talha lacada de verde e ouro. Séc. XVIII. Col. Particular. Évora
Carved wooden oratory lacquered in green and gold. XVIIIth-century. Private coll. Evora.



Pormenor de presépio em caixa de pau-santo, representando a fuga para o Egito.
Detail of nativity scene in lignum-vitae case, representing the flight to Egypt.



Presépio em caixa de pau-santo, representando a fuga para o Egito.
Sec. XVIII. Oficina de Machado Castro. Col. Santa Casa da Misericórdia Estremoz.
Nativity Scene in lignum-vitae case, representing the flight to Egypt.
XVIIIth-century. Machado de Castro Workshop. Coll. Santa Casa da Misericórdia, Estremoz.



Figuras de pastores ofertantes em barro estilo popular de Estremoz. Sec. XIX. Col. Museu Municipal de Évora.
Clay figures of shepherds with offerings, in the popular style of Estremoz. XIXth-century. Coll. of Municipal Museum of Évora.

► ples of this work in palaces, museums and churches. Some are outstanding for their stylistic taste, the more or less ingenuous lyricism of the compositions, the more or less strict adherence to style. They are made in clay, ivory, wax, wood, cork, shells, etc.

It has not so far been possible to organise a museum of nativity scenes but the most important examples are to be found in Lisbon: in the Cathedral, Estrela Church, S. Vicente de Fora, the National Museum of Early Art and Madre de Deus.

Differing in their original structure, with simple or complicated devices according to their proportions and the purpose for which they were destined, almost all use Christian symbols, from the popular picturesque examples to the uncontested personality of the works of a great master: Joaquim Machado de Castro.

On a par with this artist — due to the excellence of more or less identical works — in another outstanding clay sculptor António Ferreira ("Ferreirinha of Chelas") to whom it appears we owe the marvels that are the "Madre de Deus" nativity scene and the groups of horses and other figures that remain from several works by the same master.

Mention should also be made of the School of Mafra where the first clay nativity scenes were produced — authentic works of art by clay sculptors who have left us beautiful examples of fine aesthetic quality.



► Joaquim José de Barros, Barros Laborão, José de Almeida, Manuel de Teixeira, Manuel Vieira, Father João Crisostomo Policarpo and Raimundo Costa are the principal authors of this varied artistic production. Details were added such as groups of shepherds or peasants, merrymakers in different encampments, pilgrimages, retinues, cavalcades, isolated pairs of lovers near fountains, musicians playing different instruments, couples with gifts, old women and young with baskets of eggs or homemade sweets and other typical scenes of washerwomen, dances, picnics, the slaughter of a pig or goat, in isolated scenes or forming part of processions on their way to the grotto of Bethlehem.

Nativity scenes are baroque and contribute to the very definition of the baroque style. They reflect and are, or rather were, a way of life.

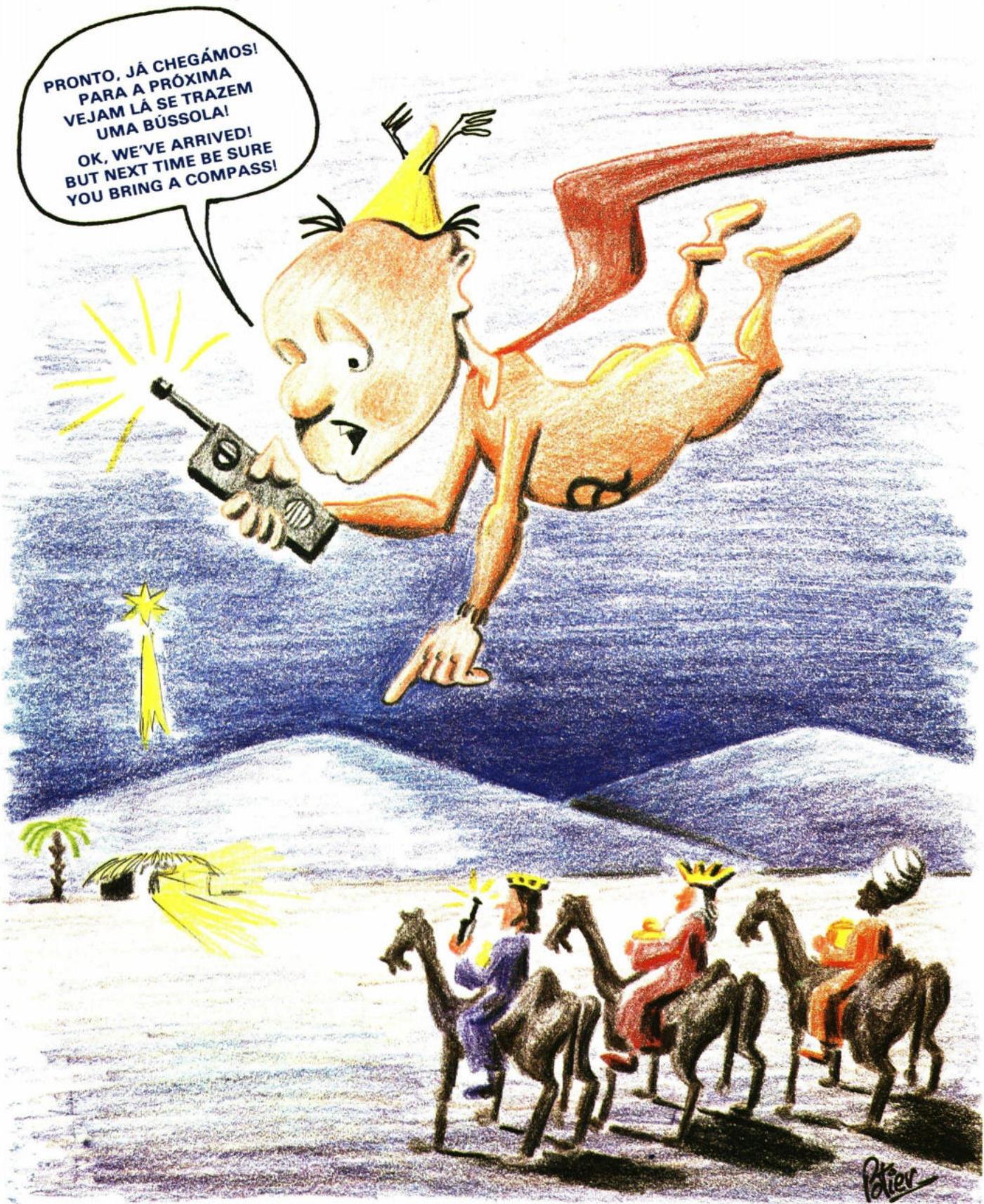
Nativity scenes are at the same time the reflection of this multitude of participations and objects of a very specific rite of passage; CHRISTMAS. □

Presépios em barro, Escola Machado de Castro.
Nativity Scene of earthenware, Machado de Castro School.



HUMOR HUMOUR

por/by FERNANDO POTIER



mundial turismo



AGÊNCIA
de VIAGENS
LISBOA

TRANSPORTE "EXPRESSO" DIÁRIO DE E PARA:
DAILY "EXPRESSO" TRANSPORTATION TO AND FROM:

ALGARVE (BARLAVENTO / SOTAVVENTO), LISBOA, PORTO e BRAGA

EM MODERNOS E CONFORTÁVEIS AUTOCARROS COM WC, SERVIÇO DE BAR, TV-VIDEO,
MÚSICA SELECCIONADA, AR CONDICIONADO, ETC.

BY MODERN AND CONFORTABLE MOTORCOACHES WITH WC, BAR, TV-VIDEO,
SELECTED MUSIC, AIR CONDITIONED, ETC.



PASSAPORTES — VISTOS — PASSAGENS AÉREAS, MARÍTIMAS E DE CAMINHO-DE-FERRO
FEIRAS — CONGRESSOS — RENT-A-CAR — CRUZEIROS — FÉRIAS — EXCURSÕES

PASSPORTS — VISAS — AIR, SEA AND RAILWAY TRANSPORTATION — FAIRS — CONGRESSES
RENT-A-CAR — CRUISES — VACATIONS, EXCURSIONS — HOTEL BOOKING

mundial turismo

A VANTAGEM DA EXPERIÊNCIA
THE ADVANTAGE OF THE EXPERIENCE

ESCRITÓRIOS / AGENCIES

LISBOA / LISBON:

Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.º / 90 A / 90 B
Ph: 563521 / 553713

PORTO / OPORTO:

Silo Auto — Rua Guedes de Azevedo Ph: 316597

PRAIA DA ROCHA / PRAIA DA ROCHA:

Centro Comercial Júpiter — Portimão Ph: 22047

FERREIRAS / FERREIRAS:

Largo de Ferreiras Ph: 52225 / 53616

BRAGA / BRAGA

Avenida Central, 171



Reconstituição da Ribeira de Lisboa, pelo pintor Martins Barata.
The Lisbon Shipyard (a Ribeira) by Martins Barata.

PORUGAL REVISITADO

Seleção e notas de SERAFIM FERREIRA

Fotos de: FERNANDO LAMEIRAS e JOSÉ BORGES

Lisboa e a crise de 1383

FERNÃO LOPES

Estando a cidade assim cercada da maneira que já ouvistes, gastavam-se os mantimentos cada vez mais por as muitas gentes que em ela havia, assim dos que se colheram dentro do termo de homens aldeões com mulheres e filhos, como dos que vieram na frota do Porto. E alguns se tremetiam às vezes em batéis e passavam de noite escusamente contra as partes de Ribatejo, e metendo-se em alguns esteiros, ali carregavam de trigo que já achavam prestes per recados que antes mandavam. E partiam de noite, remando mui rijamente, e algumas galés quando os sentiam vir remando, isso mesmo remavam a pressa sobre eles; e os batéis por lhe fugir, e elas por os tomar, eram postos em grande trabalho. Os que esperavam por tal trigo, andavam per ribeira da parte de Enxobregas aguardando quando viesse, e os que velavam, se viam as galés remar contra lá, repicavam logo por lhe acorrerem. Os da cidade, como ouviam o repico, deixavam o sono e tomavam as armas e saía muita gente, e defendiam-nos ás bestas, se cumpria, ferindo-se ás vezes de uma parte e doutra. Porém nunca foi vez que tomassem algum, salvo uma que certos ba-

téis estavam em Ribatejo com trigo, e foram descobertos per um homem natural de Almada, e tomados per os castelãos; e ele foi depois tomado e preso e arrastado e decepado e enforcado. E posto que tal trigo alguma ajuda fizesse, era tão pouco e tão raramente, que houvera mester de o multiplicar como fez Jesus Cristo aos pães, com que fartou os cinco mil homens.

Em isto gastou-se a cidade assim apertadamente, que as públicas esmolas começaram desfalecer, e nenhuma geração de pobres achava quem lhe dar pão; de guisa que a perda comum vencendo de todo a piedade, e vendo a grā minga dos mantimentos, estabeleceram deitar fora as gentes minguidas e não pertencentes para defensão. E isto foi feito duas ou três vezes, até lançarem fora as mancebas mundairas e judeus e outras semelhantes, dizendo que pois tais pessoas não eram para pelejar, que não gastassem os mantimentos aos defensores. Mas isto não aproveitavam cousa que muito prestasse. Os castelãos, à primeira, prazia-lhe com eles, e davam-lhe de comer e acolhimento. Depois, vendo que isto era com fome, por gastar mais a cidade fez el-rei tal ordenança que nenhum de

dentre fosse recebido em seu arreal, mas que todos fossem lançados fora; e os que se ir não quisessem, que os açutassem e fizessem tornar pera a cidade. E isto lhes era grave cousa de fazer, tornarem por força pera tal lugar, onde, chorando, não esperavam de ser recebidos. E tais havia que de seu grado se saiam da cidade e se iam pera o arreal, querendo ante de tudo ser cativos, que assim perecerem morrendo de fome.

(...) Foi tamanho o gasto das cousas que meter haviam, que soou um dia pela cidade que o Mestre (de Avis) mandava deitar fora todos os que não tivessem pão que comer, e que somente os que o tivessem ficassem em ela. Mas quem poderia ouvir sem gemidos e sem choro tal ordenança de mandado áqueles que o não tinham? Porém, sabendo que não era assim, foi-lhe já quanto de conforto. Onde sabei que esta fome e falecimento que as gentes assim padeciam, não era por ser o cerco prolongado, ca não havia tanto tempo que Lisboa era cercada; mas era per azo das muitas gentes que se a ela colheram de todo o termo, e isso mesmo da frota do Porto quando veio, e os mantimentos serem muito poucos. Ora esguardai, como se fôssem presente, uma tal cidade assim desconfortada e sem nenhuma certa fiúza de seu livramento, como viveriam em desvairados cuidados quem sofria ondas de tais aflições?

(Fernão Lopes, Crónica de D. João I)

FERNÃO LOPES (séc. XIV-XV)

O texto seleccionado é parte bastante reduzida da majestosa e exemplar Crónica de D. João I, escrita por Fernão Lopes nos começos do séc. XV e na qual se retrata, em belíssimo fresco literário medieval, toda a galeria de factos e pessoas envolvidas na crise de 1383-1385 — verdadeira revolução popular e camponesa que levou o Mestre de Avis a ser coroado rei de Portugal.

Cronista medievo que, como poucos outros, soube utilizar a língua portuguesa na descrição viva e colorida dos acontecimentos que narrou, diz-se, com toda a fidelidade, a prosa de Fernão Lopes, evitada de vocábulos puros e vernáculos que hoje se não utilizam, não consente, pois, uma correcta tradução em qualquer língua pelo ritmo prosódico da sua escrita, pelo maneirismo do estilo, enfim, pela exacta forma de linguagem falada e de que poucos dela se serviam na Idade Média portuguesa. Mas o texto que aqui se publica fala de Lisboa, cercada então por Castela, da fome que grassava dentro da cidade por míngua de mantimentos e, sobretudo, evoca algumas das formas encontradas para aliviar o sofrimento daqueles que, dentro dos seus muros, se esforçavam por resistir e vencer as tropas castelhanas.

Pouco se sabe acerca da sua vida, embora não fosse de nenhuma família nobre e descendesse talvez de camponeses dos arredores de Lisboa. Fez estudos, foi escrivão e guarda-mor dos arquivos da Torre do Tombo, cargo que conservou até 1454, data em que, por "estar velho e flaco", D. Afonso V o fez substituir nesse cargo por Gomes Eanes de Zurara. Pela força do seu poder evocativo e descriptivo, Fernão Lopes soube nas suas "crónicas" retratar as pessoas e os acontecimentos de que foi narrador excelente e o tornam ainda hoje como um dos escritores mais notáveis da literatura portuguesa de todos os tempos. ▶

Lisboa criou o fado

EÇA DE QUEIRÓS

Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou? O Fado.

Fatum era um deus no Olimpo; nestes bairros é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras, e uma iluminação de cigarros. Está mobiliada com uma enxerga. A cena final é no hospital e na enxovia.

O pano de fundo é uma mortalha!

Todos os dias, quando o sol se vai nas águas lavar dos olhares dos homens, quando os corpos estão em flor, e passam os olhos pretos, de que Deus é avaro, e a maledicência se abre como uma tulipa, e os risos são clarões, e a vida se balouça cheia de sonhos, de lustres de olhares, de beijos cor de sol, de camélias e de pomadas, passam na rua umas carroagens lentas, com grandes arabescos dourados: são coches; as suas armas são caveiras; vão ali os mortos. Aqueles vão apodrecer e ser ossadas verdes.

— Morreu um homem — pensa tristemente a alma.

— Aaaa — diz tristemente o coro dos corpos, cobertos de pano, de seda, de cassa, de burel, de farrapos.

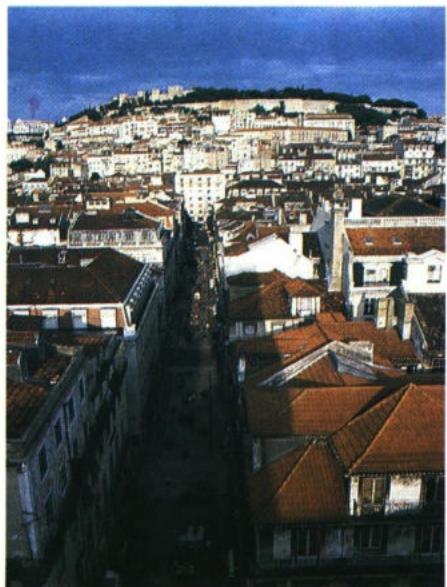
— Morreu — pensa a alma, — sofreu, comeu, digeriu, pobre corpo! Um corpo bem lavado, bem engordado, bem macio!

— As saias verdes e curtas são bonitas — diz o coro: — os pés pequenos, valem os grandes corações.

— Logo a terra encherá aquela boca que teve risos e beijos, e aquelas mãos que abertam outras mãos esfriarão na humidade.

— Há olhos que são um mar, tudo têm: tempestades e sal. Abençoados os que lá se afogam.

— Os bichos da cova hão-de-lhe roer a cara: os olhos, aqueles olhos cheios de luz que vestiram tantas vezes uma alma bem-amada, serão comidos: ficarão dois buracos: ali aninharam-se os bichos: é uma multidão: donde caiam lágrimas para a ternura, nas horas luminosas, hão-de escorregar umas formas viscosas, negras, que roem e incham — os vermes!



Vista geral do Castelo de S. Jorge
View from Saint George's Castle

— Não são lindos os vestidos que modelam o seio? Não são lindas as comédias em que os maridos velhos morrem de ciúme? Não são lindos os cristais que às luzes parecem flores do Paraíso?

— Daqui a um mês aquele homem é uma ossada verde. Quando nasceu bateram-lhe. O amor emagreceu-o, o vinho secou-o, os agiotas torturaram-no, agora os bichos comem-no. E eis ai um homem!

— Que vida! Doces são as violetas, os seios são tépidos.

— Oh! goivos debruçai-vos, pombas dos cemitérios poisaí, estrelas desceí, sol alarga-te, erva espessa-te, vinde feitos pétalas mortas; vem com o teu xaile, libertina; com a tua estola, padre; com a tua bolsa, agiota; cobri-lhe a cova, cobri-la bem, resguardai-o, agasalhai-o — porque faz bem frio, na cova, ao pé dos bichos!

— Entretanto as carroagens, lentas, passam, com a sua caveira, cor de ouro: “Anda cocheiro: é um freguês que vai para a cova: a passo! Alto de S. João! A Eternidade toma-te à hora!”

— Enquanto o pobre morto vai, que dizem os que o viram partir, soluçando?

Os filhos dizem: “Tinha de ser...”

A esposa diz: “Vestida de luto!...”

O agiota: “Não foi mau freguês.”

Os médicos: “É um caso interessante...”

Os que o levam para a cova: “Era pesado, o maroto!”

O coveiro canta:

O preto que vem d'Angola
Traz a bordo sava-rica.

Fica-te em paz, Lisboa! és Baixa e magnifica. Os que te quiserem abençoar terão de se curvar um pouco para a lama: mas consola-te, se alguém te quiser amaldiçoar terá de se aproximar bastante de Deus!

Tu dorme, digere, ressona, soluça e cachimba. E se algumas lágrimas em ti cairem, vai-as enxugar depressa ao sol! Fica-te em paz! Os que têm alma não querem a luz dos teus olhos; podes consumi-la a contemplar o céu e os universos; por causa do teu olhar sempre erguido para lá, ninguém terá ciúmes do céu! Os que têm coração não querem as carícias das tuas mãos; podes emagrecê-las a rezar a Jesus; por causa das tuas mãos sempre erguidas para ele, ninguém terá ciúmes de Deus!

Tu tens a beleza, a força, a luz, a graça, a plástica, a água resplandecente, a linha magnifica, resigna-te, ó Lisboa querida, ó clara cidade bem-amada, ó vasta graça silenciosa, resigna-te, ó doce Lisboa, coroada de céu, resigna-te — a não ter alma!

(Texto incluído em “Prosas Bárbaras”, publicado como folhetim na “Gazeta de Portugal”, 13.Out.1867)



Praça da Figueira
Figueira Square



Vista geral da Baixa Lisboeta
The Baixa (Downtown) Lisbon

► EÇA DE QUEIRÓS (1845-1900)

Nasceu na Póvoa de Varzim, mas em 1851 foi educado por sua avó paterna, em Verdemilho, perto de Aveiro, e aos dez anos internado no Colégio da Lapa, no Porto, de que era director o Pai de Ramalho Ortigão, que seria o grande amigo do autor de "A Relíquia". Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1866, chegando a ter escritório aberto no Rossio, em Lisboa. Fez carreira diplomática como cônsul em Cuba (Antilhas Espanholas), na Inglaterra e em França, onde morreria em 16 de Agosto de 1900, na sua casa de Neuilly.

Obras importantes: "O Crime do Padre Amaro", "A Relíquia", "Os Maias", "O Primo Basílio", "A Cidade e as Serras", "O Mandarim", entre tantos outros livros que consagram Eça como um dos maiores romancistas do século passado. E assim toda a obra queirosiana, no que nela existe de verdadeiramente grandioso, se desdobra entre o riso e a verdade, entre aquilo que foi objecto da sua vida: a "ironia" como forma superior de atacar os "pontos fracos" ou mais vulneráveis de uma sociedade que soube retratar como poucos outros escritores.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Situada na parte mais ocidental do continente europeu, Lisboa foi conquistada aos mouros em 1147 por D. Afonso Henriques, no começo da nacionalidade portuguesa, depois de ter sido povoada sucessivamente por cartagineses, fenícios, gregos e romanos, mas a origem do seu nome perde-se na poeira dos séculos. Como capital de um país geograficamente pequeno do extremo ocidental da Europa, Lisboa tem sido o centro de grandes convulsões e transformações sociais, culturais e políticas no alongado período da sua história, como se observa, por exemplo, nas páginas escolhidas de Fernão Lopes, notável cronista medieval que soube dar, em prosa bem colorida, as imagens precisas desse cerco de Lisboa na perturbadora crise de 1383-1385 que culminou com a vitória do Mestre de Avis, aclamado rei de Portugal como D. João I.

Considerada por muitos e ilustres viajantes estrangeiros (Ruders, Beckford, Byron, Andersen, etc.) como uma das cidades mais esplêndidas e interessantes do Mundo, Lisboa tem sido sacudida por vários terramoto, o mais trágico dos quais aconteceu em 1 de Novembro de 1755 e



que, após destruir quase toda a parte baixa e antiga da cidade, deu origem a um medonho e favoroso incêndio em que perdeu a vida mais de 40 mil pessoas.

Espalhada à borda do Tejo e muito perto das águas do Atlântico, cuja barra de Cascais se alcança em menos de meia hora, Lisboa tem hoje uma população de quase 1,5 milhão de habitantes, distribuídos por uma área urbana de noventa quilômetros quadrados, beneficiando de um clima benigno e temperado, com as seguintes temperaturas médias anuais: 21° no Verão, 17° no Outono, 15° na Primavera e 10° no Inverno.

Do alto das suas magníficas colinas (Alfama, Graça, Castelo, Santa Catarina, etc.) disfruta-se um belíssimo panorama, com as águas do Tejo ao fundo, e da Outra Banda os casarios e montes do Seixal, Barreiro e Almada, que se ligam a Lisboa pela Ponte 25 de Abril, na presença majestática do Monumento a Cristo-Rei, a caminho de Azeitão, Arrábida e Setúbal que, com Sintra, Estoril, Cabo da Roca e Cascais, formam uma cintura paisagística e arquitetônica digna de ser admirada nos arredores de Lisboa.

PASSEIOS E LOCAIS DE TURISMO — Castelo de S. Jorge, Aqueduto das Águas Livres, Planetário Gulbenkian, Aquário Vasco da Gama, Jardim Zoológico, baixa pomboalina e passeios pela cidade. Visitas à Cidade Universitária, Biblioteca Nacional, Campo Grande, Jardins da Fundação Gulbenkian, Jardim Botânico e Colonial.

ARREDORES — passeios por Vale do Jamor, Algés, Cruz Quebrada, Estoril e Cascais; Guincho, Malveira da Serra, Cabo da Roca e Sintra; Colares, Seteais, Monserrate, Banzão, Praia das Maçãs e Azenhas do Mar.

Da Outra Banda: Almada, Azeitão, Serra da Arrábida, Sesimbra e Setúbal.

IGREJAS, MONUMENTOS E MUSEUS — Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém e Padrão dos Descobrimentos.

Basilica da Estrela, Igreja da Madre de Deus, Sé Catedral e S. Vicente de Fora (Panteão Nacional).

Igrejas da Boa Hora, Ajuda e Belém, dos Mártires e do Loreto, Nossa Senhora de Fátima e S. João de Brito, entre outras.

Museus de Arte Antiga e de Arte Contemporânea, Centro de Arte Moderna e Museu Calouste Gulbenkian, Museus do Traje, do Teatro, da Cerâmica Popular e do Azulejo Artístico, Museu Militar e da Marinha, Museu de Etnografia e Antropologia, Museu dos Coches, etc. □



Vista geral do Mosteiro dos Jerónimos
Jerónimos Monastery



Cacilheiro do Tejo
The shuttle to the left bank

PORtUGAL REVISITED

Selection and notes by SERAFIM FERREIRA

Photos by: FERNANDO LAMEIRAS/JOSÉ BORGES

FERNÃO LOPES

The text selected is a very small part of the majestic and exemplary Chronicle of King John I, written by Fernão Lopes at the beginning of the XVth-century, in which he portrays, in a beautiful, mediaeval, literary fresco, the gallery of events and people involved in the crisis of 1383-1385 — an authentic revolution of people and peasants which led the Master of Avis to be crowned King of Portugal.

Mediaeval chronicler, he used the Portuguese language like no other writer in the lively and colourful description of the events he narrated. It is truly said that Fernão Lopes' prose, pervaded with a pure, vernacular vocabulary that is no longer used today, does not permit correct translation into any tongue due to the prosodic rhythm of his writing, the mannerism of his style and the exact form of the spoken language, used by few, of the Portuguese Middle Ages. The text published here des-

cribes Lisbon under siege by Castile, the hunger which spread throughout the city for lack of supplies, and above all, recalls some of the means used to alleviate the suffering of those who, within the walls, strived to resist and overcome the Castilian troops.

*

FERNÃO LOPES (XIV-XVth-centuries) — Little is known of his life — he was not of noble birth and probably descended from farmers from the outskirts of Lisbon. He studied and became a scrivener and head keeper of the archives at the "Torre do Tombo", a post he kept until 1454 when, "being old and weak", King Afonso V replaced him by Gomes Eanes de Zurara. His evocative and descriptive powers enabled Fernão Lopes to produce excellent narratives in his chronicles of people and events and make him, even today, one of the most outstanding writers of Portuguese literature of all times.



Vista aérea da Ponte sobre o Tejo
Lisbon and the Bridge



Vista aérea do Aqueduto das Águas Livres
Lisbon Acqueduct

Lisbon created the "Fado"

Athens produced sculpture, Rome made the law, Paris invented the revolution, Germany discovered mysticism. What did Lisbon create? The "Fado".

Fatum was a god on Olympus; in these quarters it is a comedy. It has an orchestra of guitars illuminated by cigarettes. It is furnished with a pallet. The last scene is in a hospital and a dungeon. The backdrop is a shroud!

Every day when the sun washes in the waters of men's eyes, when bodies are in flower and black eyes pass by, for which God is avid, and malediction opens like a tulip, and laughter is like shafts of light, and life rocks to and fro full of dreams, of lustrous looks, sun coloured kisses, camellias and balms, there pass in the street slow carriages with great golden arabesques: they are coaches; their arms are skulls; they carry the dead. Those who will rot and become piles of green bones.

— A man has died — thinks the soul sadly.
— Ah — chant the chorus of bodies, clothed in cloth, silk, muslin, wool, rags.

— He died — thinks the soul — suffered, ate, digested, poor body! A well washed, fat, soft body!

— The short green skirts are pretty — chants the chorus: — the small feet are worth great hearts.

— Later the earth will fill the mouth that laughed and kissed, and those hands which shook other hands will grow cold in the damp.

— There are eyes which are oceans, they have everything: tempests and salt. Blessed are they that drown therein.

— The worms of the grave will gnaw the face: the eyes, those eyes full of light that so often clothed a well-loved soul, will be devoured: two holes will remain: the worms will nest there: a multitude: from whence flowed tender tears in the luminous hours, will slither black, viscous forms, which gnaw and swell — the worms!

— Aren't they pretty those dresses which mould the breast? Aren't they charming those comedies in which old husbands die of jealousy? Aren't they beautiful those crystals which seem like flowers of Paradise under the lights?

— In a month's time that man will be a green skeleton. When he was born they beat him. Love made him thin, wine dried him up, money-lenders tortured him, now the worms devour him. And there you have a man!

— What a life! Violets are sweet, breasts are tepid.

— Oh! gillyflowers bend over, doves of the cemeteries alight, stars descend, sun expand, grass grow thick, emerge already dead, oh petals; come with your shawl, libertine; with your stole, priest; with your purse, money-lender; cover his grave, cover it well, protect him, warm him — for it is very cold in the grave, near the worms!

And meanwhile the slow carriages pass with their gold coloured skulls: "Onward, coachman: it's a customer who's going to his grave: slowly! Alto de S. João! Eternity will take you on time!"

And while the poor deceased goes off, what do these who saw him go say, as they sob?

His children say: "It had to be..."
His wife says: "Dressed in mourning!..."
The money-lender: "He wasn't a bad client."
The doctors: "It's an interesting case..."
Those who carry him to the grave. "He was heavy, the rascal!"
The gravedigger sings:
"The nigger from Angola
Brings rich broad beans."

► Rest in peace, Lisbon. You are *Low* and magnificent. Those who would bless you will have to bend a little towards the mud: but be consoled, if someone wants to curse you he will have to get quite close to God!

Sleep, digest, snore, hiccup and smoke your pipe. And if tears fall on you go and dry them quickly in the sun! Rest in peace! Those who have a soul don't want the light of your eyes; you may consume it while contemplating the heavens and the universes: because you're always looking up there no-one will be jealous of the heavens! Those who have a heart don't want the caresses of your hands; you can wear them thin praying to Jesus: because your hands are always raised to him, no-one will be jealous of God!

You have beauty, strength, light, grace, form, resplendent waters, a magnificent profile, be patient Lisbon dearest, Oh best beloved clear city, Oh vast silent grace, be patient sweet Lisbon, crowned by the heavens, resign yourself — to having no soul!

(Text included in "Prosas Bárbaras", published in instalments in the "Gazeta de Portugal", 13 October 1867).

EÇA DE QUEIRÓS (1845/1900)

Was born in Póvoa de Varzim but in 1851 went to be educated by his paternal grandmother in Verdemilho, near Aveiro. At ten

years of age he was a boarder in Lapa College in Oporto, the Director of which was Ramalho Ortigão's father who was to become the great friend of the author of "A Reliquia" (The Relic). He was awarded a degree in Law by the University of Coimbra in 1866 and at one time had an office in Rossio, in Lisbon. He followed the diplomatic career as consul in Cuba (Spanish Antilles), England and France, where he died on 16th August 1900 in his house at Neuilly.

Important works: "The Crime of Padre Amaro", "The Relic", "The Maias", "Cousin Basílio", "The City and the Mountains", "The Mandarin", among many other works which made Eça one of the greatest novelists of the last century.

All the Queirosian works are divided between laughter and truth, between that which was the object of his life: irony as a higher form of attacking the weak or more vulnerable points of a society he described as few other writers were able.

HISTORY AND GEOGRAPHY

Situated at the westernmost point of the European continent, Lisbon was conquered from the Moors in 1147 by D. Afonso Henriques, at the birth of the Portuguese nation, having been successively occupied by Carthaginians, Phoenicians, Greeks and Romans. The origin of its name, however,

is lost in the dust of centuries. As the capital of a geographically small country at the extrem west of Europe, Lisbon has been the centre of great social, cultural and political convulsions and transformations throughout its long history. An example is given in the pages of Fernão Lopes selected here. An outstanding mediaeval chronicler, his colourful prose provides us with a precise description of the siege of Lisbon during the crisis of 1383-1385, which culminated in the victory of the Master of Avis, acclaimed King of Portugal as D. João I.

Considered by many illustrious travellers (Ruders, Beckford, Byron, Andersen, etc.) as one of the most splendid and interesting cities in the world, Lisbon has been shaken by various earthquakes, the most tragic of which occurred on 1st November 1755. After destroying practically the whole of the lower, oldest part of the city, it provoked a tremendous fire in which more than forty thousand people lost their lives.

Extended along the shores of the Tagus, very close to the waters of the Atlantic — the bar in Cascais can be reached in less than half an hour — Lisbon today has a population of almost 1.5 million inhabitants distributed over an urban area of ninety square kilometres. It has a mild, temperate climate with the following mean annual temperatures: 21° in summer, 17° in autumn, 15° in spring and 10° in winter.

From the top of its magnificent hills (Alfama, Graça, Castelo, Santa Catarina, etc.) a beautiful view is to be had with the waters of the Tagus in the background and, over the river, the houses and hills of Seixal, Barreiro and Almada, connected to Lisbon by the 25th April Bridge. Here the majestic presence of the Monument to Christ the King and the route to Azeitão, Arrábida and Setúbal, in conjunction with Sintra, Estoril, Roca Cape and Cascais, form a belt of landscape and architecture round Lisbon that is worthy of admiration.

TOURS AND PLACES OF TOURISTIC INTEREST — St. George's Castle, Aqueduct, Gulbenkian Planetarium, Vasco da Gama Aquarium, Zoo, Pombaline city centre and tours of the city, visits to the University City, National Library, Campo Grande, Gardens of the Gulbenkian Foundation, Botanical and Colonial Garden.

SURROUNDING DISTRICTS — Tours to Vale do Jamor, Algés, Cruz Quebrada, Estoril and Cascais; Guincho, Malveira da Serra, Roca Cape and Sintra; Colares, Seixal, Monserrate, Banzão, Praia das Maçãs and Azenhas do Mar.

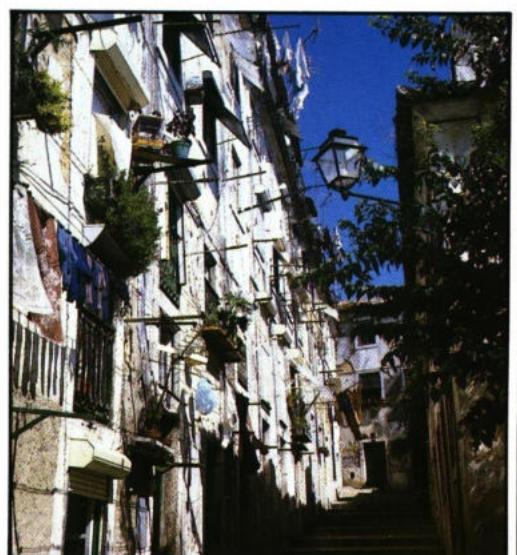
Over the river: Almada, Azeitão, Arrábida Mountain, Sesimbra and Setúbal.

CHURCHES, MONUMENTS AND MUSEUMS — Jerónimos Monastery, Belém Tower and Monument to the Discoveries. Basilica of Estrela, Church of Madre de Deus, Lisbon Cathedral and S. Vicente de Fora (National Pantheon).

Churches of Boa Hora, Ajuda and Belém, Martyrs and Loreto, Nossa Senhora de Fátima and S. João de Brito, among others. Early and Contemporary Art Museums, Modern Art Centre and Calouste Gulbenkian Museum, Costume, Theatre, Popular Ceramics and Artistic Tile Museums, Military and Marine Museums, Ethnographic and Anthropological Museum, Coach Museum, etc. □



Vista geral do casario — Panteão Nacional e Igreja de Santa Engrácia.
Lisbon, the National Pantheon and St. Engrácia Church.



LISBOA

Nunca esquece!

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DEPARTAMENTO DE TURISMO

Rua Portas de St.º Antão, 141-1.º – 1100 LISBOA

Tel. 372579 - 372580

Telex: 14014 LISBP



HALLEY E O SEU COMETA

(em duas medalhas de JOSÉ PACHECO)

Texto de
SERAFIM FERREIRA

*Não houve cousa, enfim,
Que eu não pasmasse dela, e eu de mim.*

CAMÕES

No desvendar dos segredos e mistérios do Mundo, sempre o homem se esforçou, no alongar ininterrupto dos séculos, por descobrir os limites finitos dessa infinitade que é o Cosmos como sistema total e absoluto. Desde os velhos sábios da antiga Babilónia e Egipto, a ciência da astronomia foi estudada no decifrar das suas regras e leis que se revelam agora mais perceptíveis, mas ainda inalteráveis. Sabemos como no séc. XVI, contrariando as ideias do sistema ptolomaico, Copérnico abriu outros caminhos ao conhecimento da ciência moderna e definiu um novo sistema na compreensão do universo a partir da ideia de que a Terra e os seus planetas descrevem órbitas em torno do Sol. E sempre nos lembramos da sorte que então teve Galileu e da punição do Santo Ofício para as suas ideias julgadas como tremendas heresias no domínio dos conhecimentos e verdades que faziam lei. Mas também podemos lembrar como os princípios divulgados e explicados por alguns seguidores da antiga ciência, na evocação de Abraão Zacuto ou de Pedro Nunes,

pelos seus tratados da influência dos Céus e da Esfera, consentiram que já no século XV os portugueses das Descobertas levassem na sua bagagem importantes e variados conhecimentos de astronomia e náutica que muito ajudaram nas suas navegações marítimas pela atenta e minuciosa observação dos astros.

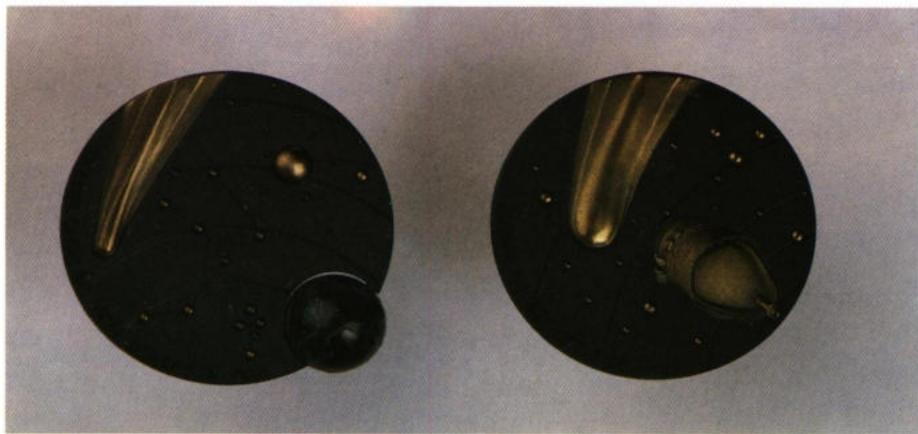
Sir Edmond Halley (1656-1742), um dos mais notáveis astrónomos e geómetras ingleses, pôde observar em 1682 a órbita do cometa que hoje tem o seu nome, enunciando uma primeira teoria do periódico retorno dos cometas e abrindo novos caminhos na sabedoria do universo infinito e da ciência moderna. E assim em visita regular, que se repete de 76 em 76 anos, chegado dos imensos confins do sistema planetário, nos insondáveis mistérios que a ciência vai desvendando e explicando, o Cometa de Halley faz a sua aparição pelo cosmos universal e quebra a linha possível de todos os horizontes, “conclamando-os ao rompimento do hímen de qualquer limite, à devassa ininterrupta dos cofres e mistérios dos deuses”, como es-

creve Pedro Baptista no texto de apresentação das artísticas medalhas de José Pacheco, professor e escultor, cuja concepção estética deste trabalho o coloca entre os melhores artistas portugueses que se dedicam à medalhística.

Ora, para celebrar o seu quarto aniversário, a LEASINVEST procedeu à edição e cunhagem de duas medalhas, numa tiragem limitada e de agradável apresentação em estojo próprio, cuja inovação artística e escultórica é digna de excelente registo. Utilizando como “pretexto” a recente passagem do Cometa de Halley, visível no seu rastro luminoso em Portugal e em vários quadrantes do Mundo, o escultor José Pacheco concebeu estas medalhas através da perfeita ligação entre a imagem de Halley e o mundo cósmico, cujos elementos essenciais são a representação da Terra que gira em torno de um eixo num dos extremos da medalha, a figuração do universo com o cometa na sua passagem fulgurante e a interdependência do homem pela evocação de Da Vinci nas leis básicas da perspectiva e da geometria explicadas que foram no seu “Tratado da Pintura”, sendo ainda de realçar o estudo sentido de composição, a valorização dos volumes e a transposição estrutural de todos os elementos no seu conjunto.

E assim estas belíssimas medalhas de José Pacheco denotam a certeza de serem “pretexto” de arte todos os motivos que, executados com os meios, a experiência e o saber de ter boas mãos, se afirmam como obra de arte conseguida, que acima de tudo valoriza, cultural e artisticamente, quem promoveu a iniciativa e quem foi directo responsável pela sua realização. □





José Pacheco concebeu estas medalhas através da perfeita ligação entre a imagem de Halley e o mundo cósmico.

José Pacheco conceived these medals as the perfect conjugation of Halley's image and the cosmic world.

HALLEY AND HIS COMET

(The subject of two medals by JOSÉ PACHECO)

By: SERAFIM FERREIRA

*There was nothing, after all,
At which I did not wonder, even at me*

CAMÕES

In the unveiling of the World's secrets and mysteries man has, with the unceasing passage of time, sought to discover the finite limits of that infinitude which is the Cosmos, as a total and absolute system. From the days of the old wise men of ancient Babylon and Egypt, the science of astronomy has been studied with a view to deciphering its rules and laws, which are now more perceptible but still unchangeable. We know how in the XVIth-century, contradicting the ideas of the Ptolemaic system, Copernicus opened the way to modern science and defined a new system for the comprehension of the universe, originating from the idea that the Earth and its planets are in orbit round the Sun. We shall always remember the fate of Galileo at that time and the punishment imposed on him by the Holy Office, for his ideas were considered

tremendous heresies in the field of lawful knowledge and truths. But we also remember how the principles diffused and explained by followers of the ancient sciences, evoked by Abraham Zacuto and Pedro Nunes in their tracts on the influence of the Skies and the Sphere, enabled the Portuguese Discoverers of the XVth-century to carry with them important and varied information on astronomy and navigation, which greatly assisted their maritime navigation by attentive and detailed observation of the stars.

Sir Edmond Halley (1656-1742), one of the most famous of English astronomers and geometricians, was able to observe in 1682 the orbit of the comet that now bears his name. He propounded a first theory of the periodic return of the comets and revealed new prospects in the knowledge of the infinite universe and modern

science. And so, in regular visits, at intervals of 76 years, from the immense confines of the planetary system, from the impenetrable mysteries that science is unveiling and explaining, Halley's comet appears in the universal cosmos and breaks the bounds of all horizons, "urging them to rupture the hymen of any boundary and to continually invade the coffers and mysteries of the gods", as Pedro Baptista wrote in his text presenting the artistic medals of José Pacheco, teacher and sculptor, whose aesthetic concept of his work places him in the front ranks of the Portuguese artists dedicated to the design of medals.

To celebrate its fourth anniversary LEASINVEST has commissioned a limited edition of two medals, agreeably presented in a case, the sculptural and artistic innovation of which is notable. Using as "pretext" the recent appearance of Halley's comet, the luminous tail of which was seen in Portugal and in various parts of the world, sculptor José Pacheco conceived these medals as the perfect conjugation of Halley's image and the cosmic world, the essential elements of which are the representation of the Earth, which revolves round an axis on one side of the medal, the figuration of the universe with the comet in its effulgent passage, and the interdependence of man, evoking Da Vinci in the basic laws of perspective and geometry, explained as they were in his "Treatise on Painting". We would also emphasise the studied sense of composition, the enhancement of the volumes and the structural transposition of all the elements as a whole.

José Pacheco's beautiful medals denote the certainty that all subjects executed with the experience and skill of good hands and which are confirmed as successful works of art, are certainly a "pretext" for art which essentially enhances, both culturally and artistically, whoever promoted the initiative and whoever was directly responsible for its realisation. □

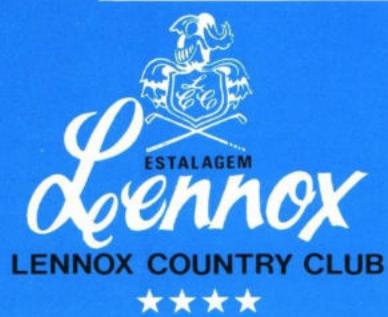
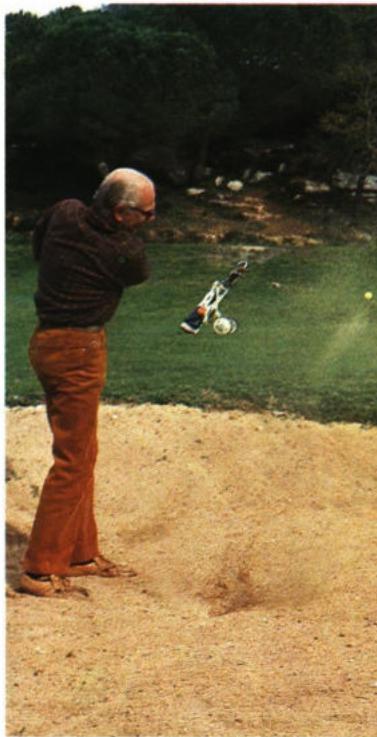
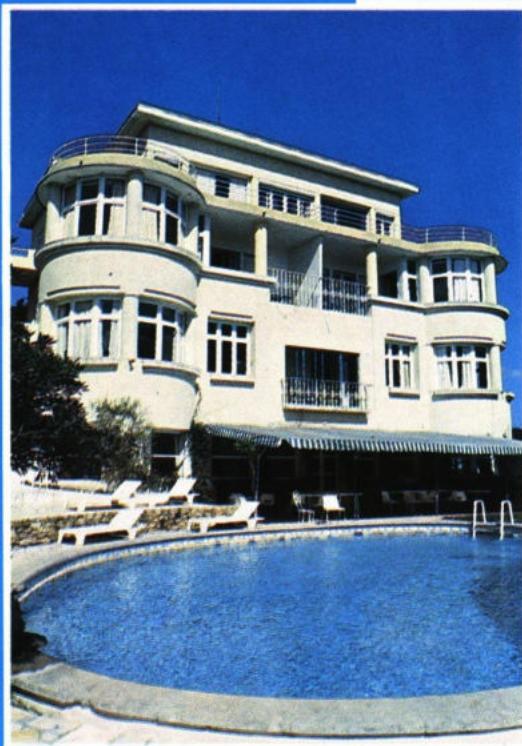
**LENNOX GOLF & COUNTRY CLUB
ESTORIL, PORTUGAL**

Enjoy the fair Portuguese weather at the Costa do Estoril and practice your favourite sport.

Stay at this Internationally famous Hotel, Elegant and charming in delightful Setting, with a choice of two 18 hole courses.

The LENNOX is situated in a quiet position about 500 metres from Estoril beach and just 5 minute walk from the famous Casino.

Excellent accommodation, with 32 twin-bedded rooms, with bath, w.c., a balcony and telephone, and 2 penthouses. Each room is named after a famous golf course.



Rua Eng.^o Álvaro Pedro
de Sousa, 5
2765 ESTORIL — Portugal
Telex 13190 P
Telefs. 2680424/2680451



**COSTA DO ESTORIL
PORTUGAL**

ANTÓNIO GEDEÃO

Um artigo de
JOÃO CAMARINHA MORA

"...Foi o pudor de revelar coisas muito íntimas aos que me rodeavam — os alunos, os professores meus colegas, as outras pessoas, enfim, que me fez tardar em revelar-me publicamente".

"...Foi o pudor de revelar coisas muito íntimas aos que me rodeavam — os alunos, os professores meus colegas, as outras pessoas, enfim, que me fez tardar em revelar-me publicamente".

Foi com a simplicidade e a modéstia dos grandes homens, que António Gedeão, um dos melhores nomes da poesia portuguesa contemporânea, nos falou um pouco de si e da sua obra.

Nascido em 1906, companheiro ignorado de Edmundo de Bettencourt, José Gomes Ferreira, José Régio, Vitorino Nemésio, António Botto, Pedro Homem de Mello, Branquinho da Fonseca, Miguel Torga, António Pedro e Carlos Queirós, entre outros, António Gedeão sómente em 1956, com cinquenta anos de idade, publica o primeiro volume da sua obra poética — "Movimento Perpétuo", quando já estavam grupalmente extintos todos os movimentos do 2.º quartel do século e a maior parte dos poetas prosseguia individualmente o seu caminho.

"...Se fosse contar desde a publicação do primeiro livro, teria agora trinta anos..."

António Gedeão é Rómulo de Carvalho, divulgador e historiador da Ciência, professor de Física e Química (publicou "História dos Isótopos", "História da Energia Nuclear", e muitas outras Histórias deste género, "Física para o Povo", diversas obras sobre a História da Ciência em Portugal como "Astronomia em Portugal no século XVIII", "A Física Experimental no século XVIII"), etc., colaborou em jornais e revistas tais como "Rumo", "Colóquio", "Narceja" (S. Paulo, Brasil) e publicou igualmente "História do Ensino em Portugal", "História da Fundação do Colégio dos Nobres em Lisboa" e "Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII". Em 1967, foi-lhe

atribuído o Prémio Bocage de Imprensa, pelo trabalho "O Sentimento Científico de Bocage".

Surgiu como um poeta novo e diferente, original e seguro, com uma nova visão do mundo em termos de cultura científica actual, utilizando na maior parte dos seus poemas uma linguagem especializada derivada da Física, da Química, da Biologia, da Mineralogia ou da Petrografia — "re-torta de alquimista, cisão do átomo, radar, ultra som" de "Pedra Filosofal" por exemplo.

"...A minha poesia é essencialmente de combate; a melodia dos poemas, aliciante, levava os censores do Estado Novo, muito velho, a não darem pelo que estava escrito, e a isso talvez se deva a minha obra poética não ter sido censurada. A "Pedra Filosofal" excitou muito o público, cantada por Manuel Freire".

A fragilidade da natureza humana é tema que Gedeão, por temperamento, não pode deixar de focar:

*Tenho sofrido poesia
como quem anda no mar.
Um enjoo.
Uma agonia.
Sabor a sal.
Maresia.
Vidro côncavo a boiar.*

*Dói esta corda vibrante.
A corda que o barco prende
à fria argola do cais.
Se vem onda que a levante
vem logo outra que a distende.
Não tem descanso jamais.*

"...O vidro côncavo, frágil, a flutuar, é a imagem da nossa situação na sociedade. Presa à existência (margem), sem se desprender dela, esticando ou não a corda que o prende (suportando a situação). Frágil, sim, mas firme; com existência assegurada".

A poesia deste grande poeta con-

temporâneo está condensada em cinco volumes, publicados desde 1956: "Movimento Perpétuo, Teatro do Mundo, Máquina de Fogo, Linhas de Força", e, ultimamente, "Poemas Póstumos", traduzidos em espanhol, francês (teses universitárias em França), alemão, russo e italiano ("Poema para Galileu" suscitou o maior interesse em Itália). Mas igualmente o teatro seduz António Gedeão, e em 1963 divulga "RTX 78/24" e "História Breve da Lua", em 1981.

"...Sigla aposta a cada um dos indivíduos numa sociedade que tem por fim a sua exploração (a primeira obra de teatro), em que eles são numerosos, têm uma ficha num ficheiro, num organismo oficial que o manuseia para explorá-lo. Esta peça foi proibida, mas ninguém me informou disso. A segunda, é uma peça em verso, aconselhada para escolas de crianças, e diz-nos coisas da História da Lua, das tradições, do homem que anda na Lua a ceifar, dos astronautas..."

Uma chamada de atenção, um pôr a mão na consciência, o poema "Dia de Natal":



ANTÓNIO GEDEÃO

By: JOÃO CAMARINHA MORA

"...I was too modest to reveal very intimate things to those around me — my pupils, my teacher colleagues and others, and that made me delay public revelation of myself".

"...I was too modest to reveal very intimate things to those around me — my pupils, my teacher colleagues and others, and that made me delay public revelation of myself"

António Gedeão, one of the best contemporary Portuguese poets, spoke to us a little of himself and his work with the simplicity and modesty of great men.

Born in 1906, unknown companion of Edmundo de Bettencourt, José Gomes Ferreira, José Régio, Vitorino Nemésio, António Botto, Pedro Homem de Melo, Branquinho da Fonseca, Miguel Torga, António Pedro e Carlos Queirós, among others, António Gedeão published the first volume of his poetry — "Movimento Perpétuo" — in 1956 when he was fifty, when all the movements of the second quarter of the century had become extinct as groups and the majority of the poets were following their own individual paths.

"...If I were to count from the publication of the first book I would be thirty now."

António Gedeão is Rómulo de Carvalho, disseminator and historian of science, professor of physics and chemistry, (he has published "History of Isotopes", "History of Nuclear Energy", and many other histories of this nature, "Physics for the People", various works on the History of Science in Portugal such as "Astronomy in Portugal in the XVIIth century", "Experimental Physics in the XVIIth Century" etc.) has contributed to newspapers and magazines such as "Rumo", "Colóquio", "Narceja" (S. Paulo, Brazil) and has also published "History of Teaching in Portugal", "History of the Foundation of the College of Nobles in Lisbon" and "Relations between Portugal and Russia in the XVIIth-century". In 1967 he won the Bocage Press Award for

his work "The Scientific Perception of Bocage".

He emerged as a new, different poet, original and secure, with a new vision of the world in terms of present-day scientific culture, using in most of his poems a specialist language derived from Physics, Chemistry, Biology, Mineralogy or Petrography — "Alchemist's retort, splitting of the atom, radar, ultrasound" from "Pedra Filosofal" for example.

"...My poetry is essentially contentious: the enticing melody of the poems led the censors of the New State, which was very old, to miss the meaning of what was written and that perhaps was why my poetry was not censored. "Pedra Filosofal" sung by Manuel Freire roused the public to a considerable degree.

The fragility of human nature is a theme that Gedeão, due to his temperament, is unable to ignore:

*I have suffered poetry
Like one sailing the seas.
Nausea.
Anguish.
Savour of salt.
Smell of sea.
Concave glass afloat.*

*This quivering rope hurts.
Holding the boat
To the cold ring of the dock.
If one wave comes to lift it
Another follows to stretch it.
It cannot ever rest.*

"...The fragile, floating, concave glass is the image of our position in society. Tied to existence (the shore), without breaking loose, sometimes pulling on the rope which ties him (enduring the situation). Fragile yes, but firm; with existence guaranteed".

The poems of this great contemporary writer have been published in five

volumes since 1956: "Movimento Perpétuo", "Teatro do Mundo", "Máquina de Fogo", "Linhas de Força" and finally "Poemas Póstumos", translated into Spanish, French (university theses in France), German, Russian and Italian ("Poem for Galileo" aroused great interest in Italy). But the theatre also seduces António Gedeão and in 1963 he published "RT X 78/24", followed by a "Brief History of the Moon" in 1981.

"...A monogram given to each individual in a society whose purpose is to exploit him (the first work for the theatre), in which he is numbered, has a card in a card index, in an official organisation which manipulates him in order to exploit him. This play was banned but nobody told me. The second is a play in verse, recommended for children's schools, which tells us things about the History of the Moon, traditions, the man harvesting in the Moon, astronauts..."

The poem "Christmas Day" is an alert, a searching of the conscience:



DIA DE NATAL

**Hoje é dia de ser bom.
É dia de passar a mão pelo rosto das crianças,
de falar e de ouvir com mavioso tom,
de abraçar toda a gente e de oferecer lembranças.**

É dia de pensar nos outros — coitadinhos — nos que padecem, de lhes darmos coragem para poderem continuar a aceitar a sua miséria, de perdoar aos nossos inimigos, mesmo aos que não merecem, de meditar sobre a nossa existência, tão efémera e tão séria.

Comove tanta fraternidade universal.
É só abrir o rádio e logo um coro de anjos,
como se de anjos fosse,
numa toada doce,
de violas e banjos,
entoa gravemente um hino ao Criador.
E mal se extinguem os clamores plangentes,
a voz do locutor
anuncia o melhor dos detergentes.

De novo a melopeia inunda a Terra e o Céu
e as vozes crescem num fervor patético.
(Vossa Excelência verificou a hora exacta em que o Menino Jesus
nasceu?
Não seja estúpido! Compre imediatamente um relógio de pulso
antimagnético.)

Torna-se difícil caminhar nas preciosas ruas.
Toda a gente se acotovela, se multiplica em gestos, esfuziente.
Todos participam nas alegrias dos outros como se fossem suas
e fazem adeuses enluvados aos bons amigos que passam mais
distante.

**Nas lojas, na luxúria das montras e dos escaparates,
com subtis requintes de bom gosto e de engenhosa dinâmica,
cintilam, sob o intenso fluxo de milhares de quilotaves,
as belas coisas inúteis de plástico, de metal, de vidro e de cerâmica.**

Os olhos acorrem, num alvoroço liquefeito,
ao chamamento voluptuoso dos brilhos e das cores.
É como se tudo aquilo nos dissesse directamente respeito,
como se o Céu olhasse para nós e nos cobrisse de bênçãos e favores.
A Oratória de Bach embruxa a atmosfera do arruamento.
Adivinha-se uma roupagem diáfana a desembrulhar-se no ar.
E a gente, mesmo sem querer, entra no estabelecimento
e compra — louvado seja o Senhor! — o que nunca tinha pensado
comprar.

Mas a maior felicidade é a da gente pequena.
Naquela véspera santa
a sua comoção é tanta, tanta, tanta,
que nem dorme serena.

Cada menino
abre um olhinho
na noite incerta
para ver se a aurora
já está desperta.
De manhãzinha
salta da cama,
corre à cozinha
mesmo em pijama.

Ah!!!!!!

**Na branda macieza
da matutina luz
aguarda-o a surpresa
do Menino Jesus.**

**Jesus,
o doce Jesus,
o mesmo que nasceu na manjedoura,
veio pôr no sapatinho
do Pedrinho
uma metralhadora.**

Que alegria
reinou naquela casa em todo o santo dia!
O Pedrinho estrategicamente escondido atrás das portas,
fuzilava tudo com devastadoras rajadas
e obrigava as criadas
a caírem no chão como se fossem mortas:
tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá.
Já está!
E fazia-as erguer para de novo matá-las.
E até mesmo a mamã e o sisudo papá
fingiam
que caíam
crivados de balas.

**Dia de Confraternização Universal,
dia de Amor, de Paz, de Felicidade,
de Sonhos e Venturas.
É dia de Natal.
Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.
Glória a Deus nas Alturas.**

Outline of ideas



CHRISTMAS DAY

Today is a day for being benevolent.
A day to stroke the faces of children,
to embrace everyone and to offer a present,
to talk and listen with affection.

A day to think of others — poor things — of those who suffer, to give them courage to continue to accept their misery, to forgive our enemies, even the undeserving, to ponder our existence so earnest and so fleeting.

Such universal fraternity is moving.
Switch on the radio and a choir of angels,
as if it really were of angels,
in a sweet melody,
of violas and banjos,
gravely entones a hymn to the Creator.
And hardly have the plangent tones died down
than the voice of the announcer
proclaims the best soap powder.

**Melody pervades the Earth and Sky
and voices swell with touching fervour
(Did you confirm the exact time Child Jesus was born?
Don't be silly! Buy an antimagnetic watch now).**

**It becomes difficult to walk the precious streets.
Everyone pushing, a multiplicity of gestures, sibilant.
All participate in others' happiness as if their own,
and wave gloved hands to friends who pass far off.**

**In luxurious windows and showcases of shops,
with subtle refinements of good taste and ingenious dynamics
Under the intense light of thousands of kilowatts,
shine beautiful useless things of plastic, metal, glass and ceramics.**

Eyes respond in liquid agitation,
to the voluptuous call of lights and colours.
As if it were all directly our affair,
as if the Heavens watched and covered us with grace and favours.
Bach's Oratorio bewitches the street.
A glimpse of diaphanous clothing unfolding in the air,
And even without wanting to we enter the shop
and buy, — praise be to God! —
What we had never thought of buying.

But the greatest joy is that of children.
On that Holy Eve
their excitement is so great, so great, so great,
they cannot sleep in peace.
Each child
opens an eye
in the uncertain night
to see if the dawn
has come.
And early in the morning
jumps from bed,
and runs to the kitchen
in pyjamas.

Ah!!!!!!

In the soft stillness
of the morning light
Child Jesus's
surprise awaits him.

Jesus,
Sweet Jesus,
born in the stable,
has come to put in Peter's stocking
a Machine Gun.

What happiness
reigned in that house throughout the holy day!
Peter, strategically hidden behind the doors,
shot everyone with devastating blasts
and obliged the maids
to fall to the floor as if they were dead:
Tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá.
That's it!
And made them rise so as to kill them once more.
And even mama and grave papa
pretended
they were falling
riddled with bullets.

**Day of Universal Fraternisation,
day of Love, Peace, Happiness,
of Dreams and Blessedness.
It's Christmas Day.
Peace on Earth to Men of Goodwill.
Glory to God in the Highest.**

Outline of ideas



Panasonic

Gravador de Video Cassete VHS

NV-G21

Video Cassete
ultradelgado e de formato
compacto com buscador
digital e câmara lenta
duplicamente super fina



A Matsushita Electric é o primeiro grupo japonês de electrónica de grande consumo e o primeiro fabricante mundial de equipamentos domésticos de vídeo.

A sua investigação e tecnologia originam produtos que merecem a mais aberta admiração dos especialistas e uma inexcedível confiança por parte do público. Como acontece em mais de 10 milhões de lares que utilizam um sistema vídeo PANASONIC.

Quando comprar um videogravador saiba as razões que colocam a marca PANASONIC no lugar que tem.

Todos os videogravadores PANASONIC possuem:
Chassis monobloco em alumínio fundido, uma base rígida para que o mecanismo de tracção da fita e outros componentes fundamentais se mantenham rigorosamente alinhados.
Motores DD (tracção directa), para um movimento sem falhas do cilindro das cabeças video, com sincronização de fase de quartzo, o que permite uma precisão da velocidade de 99,999%.

Razões importantes do rendimento sempre impecável e da insuperada qualidade de imagem de cada videogravador PANASONIC.

Veja também o acessível NV-G12, tão simples de utilizar, ou os modelos VN-H70, de alta fidelidade, NV-G18, capaz de gravar 8 horas numa só "cassette" e o portátil NV-180. Examine também a qualidade PANASONIC em televisores e câmaras video.

REPRESENTANTE:



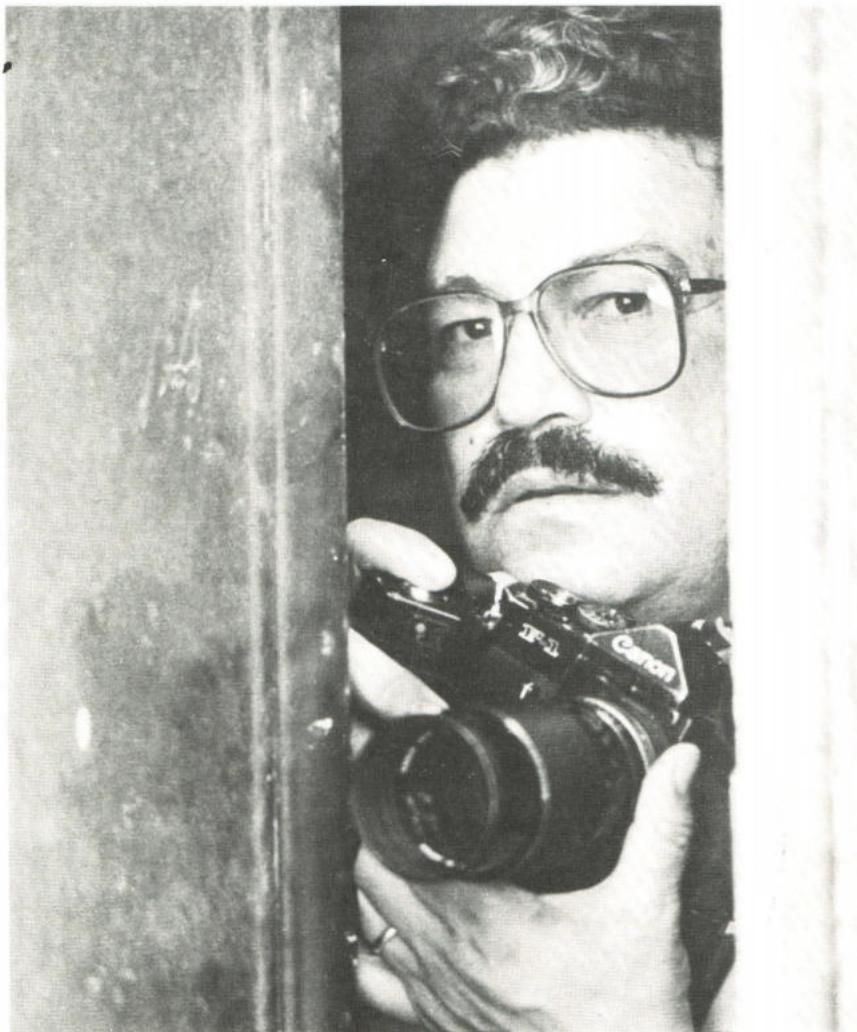
Av. 5 de Outubro, 168 — 1000 LISBOA — Telef. 767725/6/7/8
Rua de Camões, 726/734 — 4000 PORTO — Telef. 495741/51
Largo do Sol Posto, 1-2 — 8000 FARO — Telef. 26349

VPS
Video Programme System
Adaptable for VPS

HQ
VHS
PAL

Panasonic
À frente do nosso tempo.

EDUARDO GAGEIRO



Uma vez mais, a nossa fotografia da capa é da autoria de um dos mais premiados fotógrafos Portugueses — EDUARDO GAGEIRO.

Para ele e como é nosso hábito, aqui fica o reconhecido agradecimento pela preciosa colaboração oferecida.

Once again our cover photograph is by one of the most distinguished of Portuguese photographers — EDUARDO GAGEIRO.

We extend to him our grateful thanks for his magnificent contribution.

Eduardo Gageiro nasceu em Sacavém em 1935. Repórter de imprensa desde 1957 é hoje um dos nomes mais credenciados internacionalmente no campo da arte fo-

tográfica. Membro de honra da OGPh. (Áustria), do F.C. Natron (Checoslováquia), Foto Clube de Riga (URSS) e ainda Membro de Excelência da Federação Interna-

cional de Arte Fotográfica. Eduardo Gageiro tem sido selecionado para participar em importantes exposições: Quinze Melhores Fotógrafos do Mundo, na Bélgica; Dez Melhores Fotógrafos Mundiais, na Jugoslávia e Dez Melhores Fotógrafos Europeus, nos EUA.

Juntamente com outros nomes reputados da fotografia internacional participou em inúmeras exposições na Checoslováquia, Hungria, Polónia, Áustria, República Democrática Alemã, Jugoslávia, Bélgica, E.U.A. e, a nível individual, no Reino Unido, Áustria, Polónia, Bélgica, URSS e EUA.

Desde 1968 que mantém exposições itinerantes nas principais vilas e cidades de Portugal. É detentor de mais de 300 prémios, entre os quais cerca de 80 grandes prémios e medalhas de ouro. Destes, salientamos: Grande Prémio Olho de Ouro, em Novi Sad, na Jugoslávia, que lhe foi atribuído por duas vezes — 1973 e 1979.

Em 1981, foi convidado a integrar o Júri daquele prestigiado prémio, honra pela primeira vez dada a um português. Dois anos mais tarde, foi galardoado com a Placa de Ouro e a Placa de Bronze da Associação Internacional de Arte Fotográfica, referente ao tema "O Teatro na Arte Fotográfica".

Vencedor do Concurso Pravda-75, da URSS, 1975; Grande Prémio de Fotografia da Associação Soviética de Amizade e de Relações Culturais entre os Povos, 1978; Grande Prémio da Exposição Internacional de Fotografia da RDA, em 1979, onde a sua série de fotos intitulada 25 de Abril de 1974 — Dia da Liberdade, foi laureada com o Diploma da Paz. Aquela mesma série foi distinguida com um prémio especial do Neues Deutschland, o jornal mais importante daquele país. A Comissão Central de Fotografia da RDA atribuiu-lhe ainda uma medalha honorífica pela sua foto A Força do Amor. Recebeu ainda o 1.º Prémio da Comissão de Fotografia da Áustria, com o seu trabalho sobre a Companhia Nacional de Bailado, que foi seleccionado para figurar no Museu Nacional de Tarun. Encontra-se ainda representado no Museu de Seattle, EUA e no Museu de Arte Moderna, da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1985 promoveu duas exposições, uma em Nova Iorque e ainda uma outra no Museu de Fotografia de Helsínquia na Finlândia, a convite do Governo daquele país.

Dos seus trabalhos publicados destacam-se: Poemas de Natal; Estas Crianças Aqui; Esta Estranha Lisboa; Mulher e Gente, aguardando-se para muito breve a saída de mais um livro "ALENTEJO RELÓGIO DE SOL".

Para que se possa avaliar o valor da obra que Eduardo Gageiro vem realizando, reportamo-nos a transcrever algumas palavras de Willy Hengl, proferidas em 1970 na Áustria: "Não há actualmente em todo o mundo um segundo fotógrafo capaz de tão excepcionalmente reproduzir a figura humana no trabalho, tanto nas suas expressões de alegria, como nos seus momentos de sofrimento. São razões de crítica social que levam Gageiro a retratar com a sua câmara o trabalho humano. As suas fotografias são, simultaneamente, vivas e equilibradas, atingindo o plano de um testemunho convincente.

Em situações em que os outros o não conseguem, Gageiro obtém sempre o efeito desejado. Alegra-nos que seja capaz de o fazer. □

Eduardo Gageiro was born in Sacavém in 1935. A press reporter since 1957, he is today one of the most reputed names in the international field of photographic art. Honorary member of OGPh. (Austria), F.C. Natron (Czechoslovakia), Photo Club of Riga (USSR) and Meritorious Member of the International Federation of Photographic Art, Eduardo Gageiro has been invited to participate in important exhibitions: Fifteen Best World Photographers, Belgium; Ten Best World Photographers, Yugoslavia and Ten Best European Photographers, USA.

Together with other famous names of international photography, he has participated in innumerable exhibitions in Czechoslovakia, Hungary, Poland, Austria, German Democratic Republic, Yugoslavia, Belgium, U.S.A., and has had individual exhibitions in the United Kingdom, Austria, Poland, Belgium, USSR and USA.

Since 1968 he has had itinerant exhibitions in the principal cities and towns of Portugal. He has won more than 300 prizes, including about 80 grands prix and gold medals. They include the Grand Prix Golden Eye, in Novi Sad, Yugoslavia, which was awarded to him twice — 1973 and 1979.

In 1981 he was invited to be a member of the Jury of that prestigious award, an honour given to a Portuguese for the first time. Two years later he was honoured with the Gold Plaque and the Bronze Plaque of the International Association of Photographic Art for the subject "The Theatre in Photographic Art".

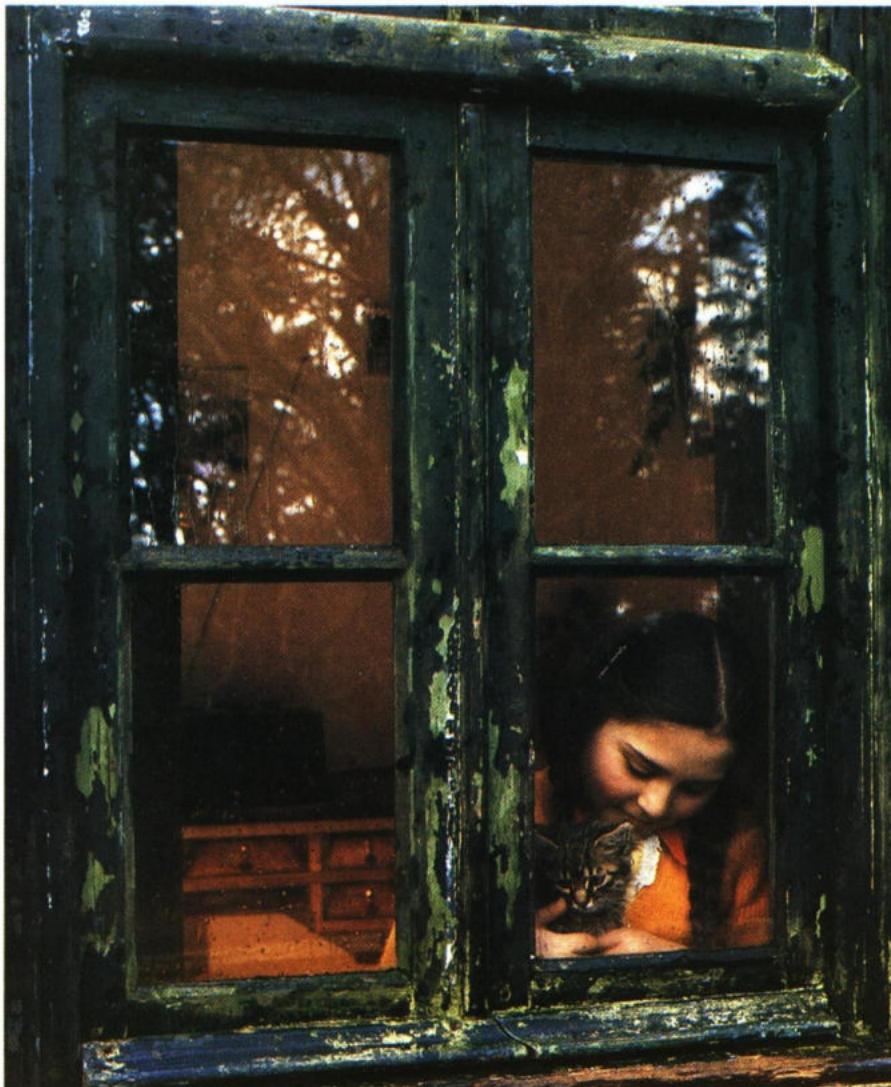
Winner of the Pravda-75 Competition, USSR, 1975; Grand Prix of Photography of the Soviet Association for Friendship and Cultural Relations between Peoples, 1978; Grand Prix of the International Exhibition of Photography, GDR, 1979, where his series of photos entitled 25th April 1974 — Freedom Day was awarded the Peace Diploma. The same series was distinguished with a special prize by Neues Deutschland, the most important newspaper in that country. The Central Photography Commission of the GDR also presented him with an honorary medal for his photo The Strength of Love. He also received the 1st Prize of the Austrian Photography Commission, with his work on the National Ballet Company which was selected to appear in the National Museum of Tarun. His work is exhibited in Seattle Museum, USA and in the Modern Art Museum of the Calouste Gulbenkian Foundation.

In 1985 he put on two exhibitions, one in New York and another in the Photography Museum of Helsinki, Finland, at the invitation of the Government of that country.

His published works include: Christmas Poems; These Children Here; This Strange Lisbon; Woman and People. Another book "ALENTEJO SUNDIAL" is due to appear shortly.

For an appraisal of the work Eduardo Gageiro is producing we quote some words by Willy Hengle, uttered in 1970 in Austria: "Currently there is no other photographer in all the world capable of reproducing so exceptionally the human figure at work, both in moments of joy and in times of suffering. Social criticism leads Gageiro to picture human work with his camera. His photographs are, simultaneously, lively and balanced, having the effect of poignant witnesses."

In situations where others are unable, Gageiro always obtains the desired effect. And this makes us very happy. □



As suas fotografias são, simultaneamente vivas e equilibradas, atingindo o plano de um testemunho comovente.
His photographs are, simultaneously, lively and balanced, having the effect of poignant witnesses.

GOLEGÃ, A TRADIÇÃO E A HISTÓRIA

Um artigo de
JORGE FAZENDA

Fotos de
JOÃO SANTOS



Situada na bela província do Ribatejo, repousando nos braços dos rios Tejo e Almonda, a Golegã tem a sua origem no século XII. Reza a lenda que ali possuía uma estalagem, certa mulher oriunda da Galiza, e que por ser galega, o nome se corrompeu para Golegã. Seja como for, a verdade é que, no brasão da vila, uma figura feminina de infusa na mão desafia o rigor histórico ou se quiserem o espaço lendário, que sucessivas gerações guardaram para nós.

É, todavia, bem verdadeira, a magnífica arquitectura da sua Igreja Matriz, no belo estilo Manuelino. A fachada é toda em pedra maciça, enquanto no interior deparamos com três naves separadas por arcos ogivais, o púlpito em forma de cálice e ainda painéis de azulejo do século XVIII. Um monumento a ser visitado com a veneração devida à arte e ao passado que nos tornou maiores.

Depois de uma passagem pela Casa-Museu de Carlos Relvas — pioneiro da fotografia artística em Portugal —, também o Museu Municipal Escultor Martins Correia mereceu o nosso interesse, antes de entrarmos nos domínios de “Sua Majestade” o Cavalo, onde durante alguns dias os homens são seus súbditos.

Enquanto deambulava pelo largo do Arneiro, pejado de gente, observando todo o movimento próprio desta castiça feira ribatejana, deixei vagear o pensamento através do percurso admirável que homens e cavalos exploraram juntos, evoluindo e saltando nas barreiras do tempo.

A nobreza ímpar na dócil e abnegada adaptação às condições mais adversas, a coragem e bravura em feitos de enaltecer, deram ao cavalo o lugar primeiro no relacionamento do Homem com os animais.

Dele o ser humano se serviu nas ▶



The finest Swiss cigars

► suas viagens nos primórdios do nomadismo, foi nele que o Homem se estribou para travar batalhas terríveis, conquistas da fé e colonizações longínquas,

De Ciro, o Persa, a Napoleão, de Viriato à 1.ª Guerra Mundial vai um lapso de tempo em que o cavalo é o paradigma da perfeita conjugação entre a inteligência e o instinto.

Puxando a charrua ou pesados cãnhões, transportando no seu dorso generais e soldados, heróis e cobardes, patriotas e traidores, conservou sempre a dignidade impoluta de "quem" sabe o seu dever.

Cantaram-no poetas, Cervantes fez de Rocinante um herói. Universalmente representado na estatuária de todos os tempos, não escapou ao olhar argado e sensível de grandes pintores: o genial Velasquez, Degas, Delacroix e Seurat foram alguns dos que sentiram a sua atração.

A revolta de Picasso na sua "Guernica" é um grito de dor que se prolonga no relincho imaginário do cavalo, despertados que foram os quatro cavaleiros do "Apocalypse" do sono de morte.

Fazendo parte da história do Homem passo a passo, sempre "demonstrou" respeitar esse compromisso atávico.

É, nos dias que correm, lazer e desporto, toureiro afamado de encher as praças e empolgar os aficionados com quarteios arrepiantes na cabeça dos touros, numa entrega sem limites. Usado na simbologia devido às suas virtudes, tanto é forte e resistente na carroça de Munique, carregada de barris de cerveja, seguro e confiante como um banco, ou ainda de linhas belas e dinâmicas como um Ferrari.

Por alguma razão se estabeleceu uma comparação entre tudo o que significa resistência, confiança e harmonia e o cavalo: essa razão é toda ela História.

"Regresso" à feira.

Concentro novamente a minha atenção no evoluir dos cavaleiros trajando a rigor, enquanto amazonas de bela silhueta exibem, aos olhos do visitante, a arte de bem cavalgar. Em piafê, ladeando, ou a trote curto com rédea segura, é desenvolta a maestria.

Assisto a concursos de equitação, provas de ensino e mostras de carruagens, onde algumas "Vitórias" deliciam a assistência, em verdadeiras paradas de elegância, sendo o tradicional corso um dos momentos altos da feira.

Quando a noite vem render e o silêncio se sobrepõe ao bulício, é a altura de, nas típicas tascas ou pátios de muros caiados e portões de ferro escancarados em mudo convite, sabo-

rear uns copos de genuína água-pé e castanhas assadas no braseiro.

Depois, já pela madrugada, passeio pelas ruas antigas de baixo casario debruadas a ocre e azul forte. Algumas varandas forradas de sardinheiras — tanto quanto a luz mortiça dos candeeiros deixa adivinhar — teriam sido palco de namoros, com as devidas distâncias salvaguardadas.

O som trinado do fado marialva foge pela porta entreaberta do tempo, enquanto o relinchar vindo do lado das cavalariças me diz que algum "amigo" se prepara para cavalgar pelos prados imensamente verdes do soho.

Temos acompanhado a perseverança das gentes da Golegã em dar a conhecer, através da sua Feira Nacional, o quanto o Homem deve ao cavalo, e tornar ainda mais efectivo o nosso reconhecimento a esse nobre animal.

A tradição foi este ano, uma vez mais, cumprida. □



Assisto a Concursos de Equitação...
I watch Competitions in Horsemanship...



GOLEGÃ, TRADITION AND HISTORY

By: JORGE FAZENDA

Photos: JOÃO SANTOS

Situated in the beautiful province of Ribatejo, reposing in the arms of the rivers Tagus and Almonda, Golegã has its origins in the XIIth-century. Legend relates that a certain woman from Galiza had an inn there, and as she was "Galega" the name was corrupted to Golegã. The truth is that the town's coat of arms includes a female figure carrying a pitcher, challenging historical accuracy or, if you wish, the legendary space which successive generations have preserved for us.

Very real, however, is the magnificent architecture of the Mother Church in the beautiful Manueline style. The

façade is of solid stone, while in the interior there are three naves separated by ogival arches, a pulpit in the form of a chalice and panels of XVIII th-century tiles. A monument to be visited with the veneration due to the art and to the past which have made us greater.

After a visit to the Museum-House of Carlos Relvas — pioneer of artistic photography in Portugal — the Municipal Museum "Sculptor Martins Correia" had our attention before we entered the domain of "His Majesty" the Horse where men are his subjects for a few days.

► As we strolled through crowded Arneiro Square, observing the bustle of this Ribatejo fair, I allowed my thoughts to dwell on the admirable route which men and horses have explored together, progressing and leaping the barriers of time.

Unrivalled nobility in its docile and unselfish adaptation to the most adverse conditions and courage and bravery in outstanding feats, gave the horse first place in Man's relationship with the animals.

Man used him on his travels in primordial nomadic ages and mounted him to enter terrible battles, conquer faiths and undertake distant colonisations.

From Ciro the Persian, to Napoleon, from Viriato to the 1st World War, the horse was a paradigm of the perfect conjugation of intelligence and instinct.

Pulling carts or heavy cannon, carrying generals and soldiers, heroes and cowards, patriots and traitors, the horse has always conserved intact the dignity of "one" who knows his duty.

Poets sang their praises and Cervantes made Rocinante a hero. Universally represented in statues of every epoch, the horse did not escape the astute and sensitive eye of great painters: the brilliant Velasquez, Degas, Delacroix and Seurat were some of those who felt its attraction.

Picasso's revolt in his "Guernica" is a cry of pain prolonged in the imaginary neighing of the horse, the four horsemen of the "Apocalypse" having been roused from the sleep of death.

Involved in the history of man at every step, it always "demonstrated" respect for this atavistic commitment.

Nowadays the horse represents leisure and sport, a famed bullfighter who fills the arenas and thrills enthusiasts with horrifying quarter turns at the head of the bull, in unlimited abandonment to his art. Used in symbology due to its virtues, it is strong and resistent pulling the Munich cart loaded with barrels of beer, secure and confident like a bank, or with beautiful and dynamic lines like a Ferrari.

For some reason a comparison has been made between all that signifies resistance, confidence and harmony and the horse: that reason is all History.

"I return" to the fair.

I concentrate on the movement of the formally dressed horsemen, while beautifully silhouetted horsemens exemplify the art of good riding for visitors. In piaffer, sidestepping, or trotting with reins held fast, it is nimble in its mastery.

I watch competitions in horsemanship, training trials and displays of carriages, where Victorias delight the audience in authentic parades of elegance, the traditional parade being one of the highlights of the fair.

When night takes over and silence replaces the turmoil, it's time to sample some glasses of light wine and chestnuts roasted on the coals, in the typical taverns or in courtyards within whitewashed walls, with iron gates left ajar in silent invitation.

Then, towards dawn, I stroll through the old streets of low houses outlined in ochre and a strong blue colour. Verandahs lined with geraniums — as far as one can see in the dim light of the

lamps — might have been a scene for lovers, with the appropriate distances maintained.

The quavering tones of the "Marialva fado" slip through the half open doors of time, while neighing from the direction of the stables tells me some "friend" is preparing to gallop through the green meadows of sleep.

We have accompanied the people of Golegã in their determination to highlight Man's debt to the horse by means of their National Festival, making our grateful thanks to this noble animal more effective.

This year tradition was fulfilled once more. □



Reposando nos braços dos Rios Tejo e Almôndiga, a Golegã tem a sua origem no século XII.
Reposing in the arms of the Rivers Tagus and Almôndiga, Golegã has its origins in the XIIth century.



FINLAND

FINLANDIA



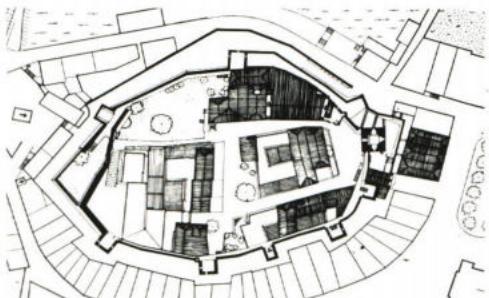
DISTILLED FROM GRAIN AND BOTTLED

BY RUAHANEN DISTILLERY (ESTD 1888) OY ALKO, HELSINKI FINN.

Vodka of Finland

Imported in This Bottle

POUSADAS DE PORTUGAL PORTUGAL INNS



POUSADA DE D. DINIS

VILA NOVA DE CERVEIRA

Um dos problemas mais complexos na preservação do património arquitectónico do nosso tempo, tem sido restaurar os edifícios e sítios, encontrando contudo novas funções convenientes que, por si, sejam uma garantia para a sua adequada conservação.

Não se trata assim, somente, de restaurar impecavelmente os edifícios, tornando-os por vezes meras peças de museus, tristonhas e sem vida, mas encontrar novas funções para esses edifícios devolvendo-os à vida e ao seu natural contacto com a urbe, perdida com as transformações culturais. O que se tem verificado nestes últimos tempos é que são fundamentalmente os utentes, aqueles que directamente se relacionam com os lugares e sítios, que preservam os edifícios e não as "instituições", cada vez mais sobrecarregadas de encargos, incapazes de manter palácios, conventos, paços, igrejas...

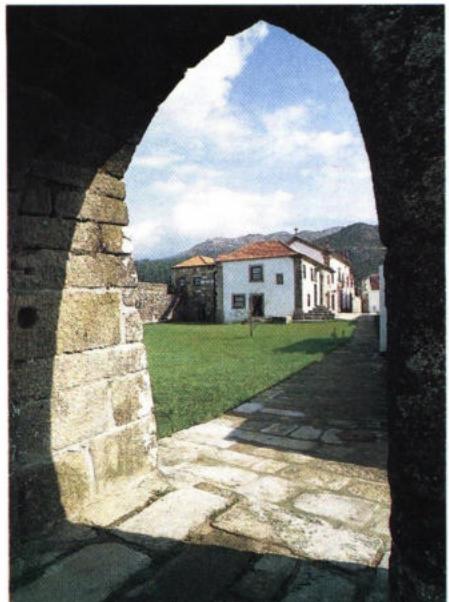
É nesta moderna linha de pensamento que nasce a Pousada de D. Dinis, ocupando na totalidade a velha cidadela, entre muros, de Vila Nova de Cerveira.

Com a construção, nos finais do Séc. XIX, dos novos Paços do Concelho e dum

hospital, a cidadela deixou de ser o centro cívico da vila o que arrastou o seu abandono e ruína.

Foi assim pensada, em termos exemplares, uma pousada ocupando o próprio aglomerado urbano. O antigo núcleo habitacional foi objecto dum elaborado projecto de recuperação para alojamento dos hóspedes num conjunto de apartamentos independentes. Os antigos Paços do Concelho, pela sua maior escala e desenho arquitectónico, foram adaptados para salas de convívio, bar e boite. Um novo edifício foi, contudo, considerado necessário para restaurante e sala de banquetes.

Pela sua dimensão e capacidade, estas infraestruturas hoteleiras não se reduzem à utilização dos hóspedes da pousada, enriquecendo com novas situações um lugar que, quanto à sua estrutura, tem uma vocação urbana de encontro e passeio. Junto de praias e nas margens do rio Minho, numa envolvente paisagística notável, a Pousada de D. Dinis, além de dotar esta vila dum impecável serviço hoteleiro, é estrutura fundamental duma Bienal de Arte fazendo desta vila centro de cultura e pólo de atracção turística.



One of the most difficult problems faced by those seeking to preserve our architectural heritage, is how to restore buildings and places, whilst giving them, at the same time, a useful purpose which will guarantee their continued conservation.

It is, therefore, not a mere question of restoring the buildings impeccably, often reducing them to rather sad and lifeless museum pieces, but of bringing them to life again by discovering a new use which will bring them into contact with the people whenever it has been lost by cultural transformations. What has lately been verified, is that these buildings and places are best cared for by those who use them, rather than by institutions, more and more overloaded with work and quite incapable of maintaining palaces, convents, churches...

This modern line of thought brought to life the Pousada D. Dinis, entirely occupying the ancient walled citadel of Vila Nova de Cerveira.

With the construction, at the end of the XIX century, of the new Town Hall and a hospital, the citadel ceased to be the civic centre of the town, which led to its abandonment and ruin.

A plan was then conceived to build, in an exemplary manner, a Pousada which would occupy the entire urban area. The ancient dwelling was carefully studied so that it might be restored in such a way as to provide a nucleus of independent apartments. The ancient Town Hall, because of its size and architectural design, was adapted for lounges, bar and night-club. A new and modern building was, however, considered necessary to serve as restaurant and banqueting hall.

As in all hotel infra-structures of this size, their use is not limited to guests staying at the Pousada, but are also available to those who wish to hold meetings, conferences, gatherings, etc., thus giving different scopes to this place that, due to its position, has so much to offer. Near the sea and on the banks of the River Minho, surrounded by beautiful countryside, the Pousada de D. Dinis not only provides an impeccable hotel service, but also plays a fundamental part as the town's cultural centre and tourists attraction during the "Art's Biennial". □





aerius

A revista inteiramente concebida e realizada por Assistentes e Comissários de Bordo das Companhias de Aviação Comercial Portuguesas, deseja a todos os seus amigos um ano de 1988 cheio de paz.

The magazine entirely conceived and produced by flight attendants and pursers of the Portuguese Commercial Aviation Companies, wishes all its friends a year full of peace in 1988.

3.º APTCA OPEN AMATEUR GOLF TOURNAMENT



**25 a 27 de Março
From March 25 to 27**



AROEIRA — PORTUGAL/1988

INFORMAÇÕES/INFORMATION

**RUA AQUILES MACHADO, 3-G
TELEFONE 809280
1900 LISBOA — PORTUGAL**

ESTAMOS CONSIGO



**SOCIEDADE
PORTUGUESA DE SEGUROS**

AV. DA LIBERDADE, 259 1200 LISBOA ☎ 5740 45/57 30 44 • TELEX 13055 SPSEG P



FILIAL DAS ASSURANCES
GENERALES DE FRANCE



Portuguese Tiles • 18th century — Paço d'Arcos, Lisbon, Portugal.

The forefathers of modern Portugal discovered the art of navigating the world you seek today.

Born to the nobility of one of Europe's oldest cultures, the Portuguese know intuitively your individuality, your quest for quality.

Book your flight aboard Air Portugal's Navigator Class Top Executive, and your choice seat is reserved simultaneously. While your baggage is separately handled

Navigation— an Efficient and Graceful Art.

aboard, rapid pre-flight attentions free you to enjoy the solid comforts of the Navigator Lounge*, with its many fine appointments and amiabilities ready to hand. And once in flight, high above the trade routes of the ancient Portuguese Navigators, you'll find more of the same quiet comforts of our personal service will accompany you through to your destination — relaxed and in top form after a pleasant and memorable journey.

Seek the world over, you will find the Portuguese are First. Efficiency. Punctuality. Dependability. We are a Legend.

* long haul service only



We fly the face of History.

taP AIR PORTUGAL